

MARIA LUÍSA APARECIDA RESENDE MARTINS

UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NA FALA  
UBERLANDENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação - Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maura Alves de Freitas Rocha

UBERLÂNDIA –MG  
2005

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg- 08/05

M386a

Martins, Maria Luísa Aparecida Resende, 1960-  
Uma análise sociolingüística das construções de tópico na fala uberlandense / Maria Luísa  
Aparecida Resende Martins. Uberlândia,  
2005.  
130 f. : il.  
Orientador: Maura Alves de Freitas Rocha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação  
em Lingüística.  
Inclui bibliografia.  
1. Sociolingüística - Teses. 2. Língua portuguesa - Sintaxe -  
Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa  
de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801.3(043.3)

Maria Luísa Aparecida Resende Martins

Uma análise sociolingüística das construções de tópico na fala uberlandense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação - Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Banca Examinadora:  
Uberlândia, 28 de setembro de 2005.

---

Profª Drª Maura Alves de Freitas Rocha - UFU

---

Profª Drª Vania Maria Bernardes Arruda Fernandes - FCU

---

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU

Às minhas filhas, Thaís e Larissa, que são o mais belo presente de Deus em minha vida, a motivação que me sustenta e anima.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo sopro divino da criação, por dar-me de beber da sua “água viva”, fonte inesgotável de amor e de esperança, que restaura as forças d’minha alma, diariamente.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maura Alves de Freitas Rocha, por acreditar em mim e em meu projeto. Sem o seu apoio, a sua orientação sempre competente e lúcida, eu não teria terminado esta dissertação. Sou profundamente grata por tudo que fez por mim.

Ao professor Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo e à professora Dra. Carmem Lúcia Hernandes Agustini, pelos valiosos comentários e sugestões, durante a qualificação deste trabalho.

A todos os professores do Mestrado, pelo aprendizado ao longo do Curso, e pelo respeito dentro e fora das salas de aula.

À minha família, pelo carinho, compreensão e amor.

Particularmente ao meu marido, que sempre incentivou para que eu prosseguisse com os estudos, acreditando em mim quando nem eu mesma

acreditava. Obrigada por abrir mão do tempo que nos pertencia para que eu pudesse concluir esta dissertação.

Às minhas amigas, Tatiane Alves Maciel Barbosa e Neide da Silva de Sousa Melo, que, desde o início do Mestrado, estiveram ao meu lado como colegas e companheiras. A elas toda minha gratidão pelas horas de estudo, pelo incentivo nos momentos de desânimo e pela ajuda incondicional.

A todos os meus amigos, pelas palavras de otimismo, pela torcida constante.

À Cristiane Alves Maciel e ao Marcelo José Rosa, pela amizade, colaboração e pelos conhecimentos prestados, nas várias etapas de desenvolvimento deste trabalho.

À comunidade educativa do Instituto Teresa Valsé, que esteve ao meu lado, encorajando-me em todos os momentos, ajudando-me sensivelmente.

Especialmente, agradeço à Ir. Raquel Vieira da Luz, diretora do ITV, que compreendeu a prioridade desta pesquisa, dando-me todas as condições necessárias para que eu pudesse concluí-la. Obrigada, de coração!

Aos informantes, pela disponibilidade para conceder as entrevistas, pela confiança depositada em mim.

Finalmente, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

[...]

**E a vida**

**E a vida** o que é

Diga lá, meu irmão

Ela é a batida de um coração

Ela é uma doce ilusão

**E a vida**

**Ela** é “maravida”

Ou é sofrimento

Ela é alegria ou lamento

O que é, o que é, meu irmão

[...]

E a pergunta roda

E a cabeça agita

Eu fico com a pureza

Da resposta das crianças

É a vida, é bonita e é bonita.

(GONZAGUINHA, grifo nosso)



## **HOMENAGEM ESPECIAL**

Ao meu pai, que, partindo repentinamente, não viu este trabalho ser concluído. Porém, antes de se transformar em saudade, deixou-me o exemplo da coragem e da determinação, a certeza de que estamos em sintonia pelo amor.

À minha mãe, que é o meu porto seguro, minha companheira de todas as horas.

## RESUMO

Este trabalho investiga o uso do tópico na língua oral do Português do Brasil, considerando como tal o constituinte à esquerda da sentença. Para realizar a análise, adotamos a proposta de Callou et alii (1993), na qual são consideradas construções de tópico *lato sensu*. O objetivo do nosso trabalho é verificar de que modo o fenômeno é usado e observar, principalmente, se a presença de tópico favorece ou não a ocorrência de sujeito lexicalizado na sentença. Para tanto, foi feita uma investigação de estruturas de tópico e estruturas de sujeito, levando em consideração, na análise, fatores lingüísticos e fatores extralingüísticos – classe social e faixa etária. O *corpus* utilizado para o desenvolvimento da pesquisa constituiu-se de 45 entrevistas realizadas com falantes adultos da cidade de Uberlândia (MG), de ambos os sexos. A análise realizada evidenciou que, apesar da pouca incidência na língua, todos os informantes, independentemente da classe social e da faixa etária, que fizeram uso da estrutura de tópico, lexicalizaram o sujeito, corroborando, assim, nossa hipótese principal. Especificamente em relação às construções de tópico *lato sensu*, foi constatado que o Deslocamento à Esquerda (DE) é mais usado do que a Topicalização (TOP). Essa constatação refutou nossa hipótese, mas confirma a tendência do Português do Brasil de preencher categorias vazias, como já foi atestado por vários estudiosos. Além disso, seguindo os pressupostos teóricos da Sociolingüística Laboviana e da Sociolingüística Paramétrica, nos quais fundamentamos nosso trabalho, foi possível concluir que presença x ausência de construções de tópico *lato sensu*, na sentença, constitui um processo de variação e não de mudança lingüística.

**Palavras-chave:** Sociolingüística Laboviana, Sociolingüística Paramétrica, Tópico, Construções de Tópico *lato sensu*, Sujeito Lexicalizado.

## ABSTRACT

This paper investigates the usage of topic in spoken Brazilian Portuguese, considering it as the constituent on the left of the sentence. To carry out the analysis, we chose the proposal of Callou *et alii* (1993), which considers the topic *lato sensu* constructions. The aim of our project is to verify how this phenomenon is used, and to observe if the presence of topic either favors or not the occurrence of lexicalized subject in the sentence. In order to do so, an investigation of topic as well as subject structures was carried out, bearing in mind during the analysis, linguistic and extralinguistic factors such as social class and age group. The *corpus* used to develop the research consisted of 45 interviews carried out with adult speakers from the city of Uberlândia (MG), from both sexes. The analysis showed that in spite of the little presence in the language, all the informers, irrespective of the social class, age group, used the topic structure, confirming our main hypothesis. In regards to the constructions of the topic *lato sensu* it was noticed that the Dislocation for de left (DE) is more used than Topicalization (TOP). This fact doesn't confirm our hypothesis but confirms the tendency of Brazilian Portuguese to fill all the empty categories, as already mentioned by many researches. Furthermore, according to the theory of Labovian Sociolinguistics and Parametric Sociolinguistics, in which we based this paper, it was possible to conclude that presence x absence of topic *lato sensu* constructions, in the sentence, is a process of variation, not a process of linguistic change.

**Key-words:** Labovian Sociolinguistics, Parametric Sociolinguistics, Topic, *lato sensu* Topic Constructions, Lexicalized Subject.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	30
Tabela 2.....	32
Tabela 3.....	33
Tabela 4.....	45
Tabela 5.....	46

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição da Presença x Ausência de Construções de Tópico <i>Lato Sensus</i> .....	74
Gráfico 2: Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Tipo de estrutura.....	76
Gráfico 3: Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Tipos de CTs.....	79
Gráfico 4: Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Classes sociais.....	83
Gráfico 5: Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Faixa etária.....	85
Gráfico 6a: Tipo de estrutura x Tipos de CTs <i>lato sensu</i> – leitura horizontal.....	87
Gráfico 6b: Tipo de estrutura x Tipos de CTs <i>lato sensu</i> – leitura vertical.....	89
Gráfico 7a: Tipo de estrutura x Classe social – leitura horizontal.....	91
Gráfico 7b: Tipo de estrutura x Classe social – leitura vertical.....	93
Gráfico 8a: Tipo de estrutura x Faixa etária – leitura horizontal.....	94
Gráfico 8b: Tipo de estrutura x Faixa etária – leitura vertical.....	96
Gráfico 9a: Tipos de CTs <i>lato sensu</i> x Classes sociais – leitura horizontal.....	98
Gráfico 9b: Tipos de CTs <i>lato sensu</i> x Classes sociais – leitura vertical.....	99
Gráfico 10 a: Tipos de CTs <i>lato sensu</i> x Faixa etária – leitura horizontal.....	100
Gráfico 10b: Tipos de CTs <i>lato sensu</i> x Faixa etária – leitura vertical.....	102

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1.1 Introdução.....	22
1.2 A Sociolingüística Laboviana.....	22
1.3 A Harmonia Trans-sistêmica ou Sociolingüística Paramétrica.....	25
1.3.1 A variação sujeito/verbo: do inter- ao intra-lingüístico.....	28
1.4 As construções de tópico na visão tradicional.....	36
1.4.1 A Gramática Tradicional do Português do Brasil.....	36
1.4.2 As construções de tópico na Gramática do Português Europeu, na perspectiva de Vasco (1999).....	39
1.5 As construções de tópico na perspectiva do Português Brasileiro.....	43
1.5.1 A análise de Callou <i>et alii</i> (1993).....	43
1.5.2 O estudo de Leite <i>et alii</i> (1996).....	47
1.6 As construções de tópico numa abordagem diacrônica.....	49
1.7 Estudos sobre a representação do sujeito no Português do Brasil e no Português Europeu.....	52
1.7.1 O estudo de Duarte (2003).....	53
1.7.2 A análise de Tarallo (1983).....	59
1.7.2.1 Diferenças sintáticas entre o Português do Brasil e o Português Europeu.....	63
1.8 Conclusão.....	64

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	66
2.1 Introdução.....	66
2.2 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	66
2.3 Hipóteses.....	68
2.4 Objetivos.....	69
2.5 O envelope de variação.....	70
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	74
3.1 Introdução.....	74
3.2 Ocorrência geral da presença x ausência das construções de tópico <i>lato sensu</i> .....	74
3.3 Análise do cruzamento dos grupos de fatores relacionados às construções de tópico <i>lato sensu</i> .....	75
3.3.1 Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Tipo de estrutura.....	76
3.3.2 Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Tipos de CTs.....	78
3.3.3 Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Classes sociais.....	82
3.3.4 Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> x Faixa etária.....	85
3.3.5 Tipo de estrutura x Tipos de CTs <i>lato sensu</i> .....	87
3.3.6 Tipo de estrutura x Classe social.....	90
3.3.7 Tipos de estrutura x Faixa etária.....	94
3.3.8 Tipos de CTs <i>lato sensu</i> x Classes sociais.....	98
3.3.9 Tipos de CTS x Faixa etária.....	100
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
ANEXOS.....	114



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigamos as construções de tópico no Português do Brasil (PB), tomando como recorte a língua falada na cidade de Uberlândia – MG, com o objetivo principal de investigar se essas estruturas favorecem ou não a ocorrência de sujeito lexicalizado na sentença.

Sabemos que essas construções sintáticas, de emprego corrente na língua falada do PB, não são reconhecidas pela Gramática Tradicional (GT). Esta registra apenas o “anacoluto” e o “objeto pleonástico”, geralmente como figuras de sintaxe, ora para valorizar o texto do bom escritor literário, ora como vícios de linguagem que devem ser evitados pelas pessoas.

Para compreender essa visão tradicional do assunto, apresentamos a abordagem de três autores: Cunha (1979), Melo (1978) e Cegalla (1979). Mostramos, também, o tratamento que essas estruturas recebem na gramática do Português Europeu (PE), por meio do estudo de Vasco (1999)<sup>1</sup>.

Após esse estudo, passamos para a análise lingüística das construções de tópico. Para tanto, tomamos como base a análise de Callou *et alii* (1993) e Leite *et alii* (1996). Os primeiros examinam as construções de tópico (TOP) e de Deslocamento à Esquerda (DE), a partir da interface sintaxe e prosódia. Os segundos investigam a distinção entre as construções de tópico e as construções com adjunções à esquerda da sentença.

Apesar de essas construções não serem novas na língua, julgamos pertinente a realização do nosso trabalho por se constituir em um levantamento e

---

<sup>1</sup> Salientamos que a apresentação do estudo de Vasco (1999) não tem como finalidade confrontar as duas variedades, apenas mostrar de que maneira as construções de tópico têm sido apresentadas na Língua Portuguesa, na perspectiva da Gramática Tradicional.

análise das possíveis ocorrências do fenômeno na variedade do Português Brasileiro e pelo fato de terem começado a chamar a atenção dos lingüistas, principalmente a partir dos estudos de Ross (1967).

Faz-se necessário adiantar que, neste trabalho, consideramos como tópico o constituinte deslocado à esquerda da sentença e que investigamos uma estrutura de tópico *lato sensu*, em que foram consideradas as seguintes construções, conforme Callou *et alii* (1993, p. 320-322):

- i. o termo co-indexado é um pronome cópia;

Ex: Então **a minha de onze anos...** **ela** supervisiona o trabalho dos cinco. (d2/sp-360:141/192)

- ii. o termo co-indexado é uma categoria vazia;

Ex: **A passagem** eu compro  $\emptyset$  a prazo. (d2rj-355: 3/61)

- iii. o termo co-indexado é um demonstrativo;

Ex: **Esse problema de puxar pela criança** ... eu acho que **isso** não funciona muito. (did/sa-231: 3/69)

- iv. o termo co-indexado é repetição da mesma expressão;

Ex: **O café** em casa **o café** é muito demorado...muito complicado. (d2/sp-360:144/311)

- v. o termo co-indexado é substituição da expressão equivalente;

Ex: **O grande problema das estradas brasileiras...****o grande mal das estradas brasileiras** é o mesmo troço... (d2/AS-98:6/22)

Quanto ao modelo teórico, essas construções foram investigadas de acordo com a Sociolingüística Laboviana (LABOV, 1972) e a Sociolingüística Paramétrica de Tarallo e Kato (1989).

Em linhas gerais, o modelo teórico proposto por Labov consiste numa reação à falta do componente social na Gramática Gerativa. Esse modelo opera com números e estatísticas dos dados coletados, preocupa-se com a relação entre língua e sociedade e com a possibilidade de poder sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

A Sociolingüística Paramétrica, de Tarallo e Kato (1989), por sua vez, propõe a harmonia entre esses dois modelos teóricos, indicando sob maneiras várias e variadas, o alcance dos resultados e a generalização e poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades, todas compatíveis entre si, “resgatando as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as possibilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro”.<sup>2</sup>

É importante salientar a relevância dos modelos teóricos referidos para o desenvolvimento deste trabalho e declarar, de acordo com Rocha (1998, p. 16), que “os dois modelos são complementares e não excludentes”.

Para desenvolver esta análise, investigamos um *corpus* de língua oral constituído por 45 entrevistas realizadas com falantes da cidade de Uberlândia, numa média de 50 minutos de gravação com cada entrevistado.

Apesar de este trabalho ter sido realizado sob a dimensão da sincronia, apresentamos o estudo diacrônico de Decat (1989) para mostrar como as estruturas de tópico apareceram na Língua Portuguesa, uma vez que as primeiras construções dessa natureza, em nossa língua, datam do século XVIII.

---

<sup>2</sup> TARALLO; KATO, 1989, p. 5.

Assim, a nossa investigação pretende dar uma contribuição a mais para os estudos lingüísticos a respeito dessas estruturas, que não são recentes na Língua Portuguesa.

Além disso, mostramos análises a respeito da representação do sujeito no Português Brasileiro e no Português Europeu, conforme Duarte (2003) e Tarallo (1983), com a finalidade de explicar ou confrontar as duas estruturas: sujeito e tópico.

Seguindo os modelos metodológicos supracitados, os dados da nossa pesquisa foram analisados por meio do “envelope de variação”, isto é, pelo elencamento dos grupos de fatores lingüísticos e não-lingüísticos estabelecidos para investigar as hipóteses, que têm como objetivo responder às seguintes questões: A presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado na sentença? As estruturas com tópico ocorrem na mesma freqüência das estruturas com sujeito? O termo co-indexado a TOP mais recorrente em PB é uma categoria vazia? A construção de tópico mais usada na fala brasileira caracteriza-se como TOP? As construções de tópico aparecem com maior freqüência na classe média? O uso do tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos?

A esta introdução seguem-se três capítulos. No primeiro, apresentamos o referencial teórico, que fundamentou nossa pesquisa. Discorreremos sobre a Sociolingüística Laboviana, a Sociolingüística Paramétrica e mostramos a visão da Gramática Tradicional a respeito do fenômeno investigado, seguida das análises lingüísticas de Callou *et alii* (1993) e de Leite *et alii* (1996). Na seqüência, apresentamos o estudo diacrônico de Decat (1989), além dos estudos de Duarte (2003) e de Tarallo (1983) sobre a representação do sujeito.

No segundo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, a saber: a descrição do material utilizado, a caracterização dos informantes, as hipóteses e objetivos específicos, além do envelope de variação.

O capítulo 3 contém a apresentação dos resultados obtidos na pesquisa, a discussão e análise dos dados, bem como as respostas às questões supracitadas.

Finalmente, o capítulo 4 apresenta as últimas considerações e as conclusões finais.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, os modelos teóricos de Labov (1972) e de Tarallo e Kato (1989), que nortearam este trabalho e cujos pressupostos nos permitiram analisar os dados pesquisados.

Em seguida, mostramos a visão da Gramática Tradicional do PB e do PE a respeito das construções pesquisadas. Apesar de o nosso trabalho investigar apenas o PB, julgamos necessária a análise das duas variedades para apresentar a diferença de tratamento que o fenômeno recebe nas duas gramáticas.

Na seqüência, passamos à exposição dos estudos lingüísticos de Callou *et alii* (1993) e de Leite *et alii* (1996), nos quais nos baseamos para analisar as estruturas de tópico. Mostramos, também, os resultados que esses autores alcançaram em suas pesquisas com o objetivo de poder confrontá-los com os nossos.

Finalmente, apresentamos uma síntese do estudo de Decat (1989), além de reflexões a respeito da representação do sujeito na nossa língua, conforme Duarte (2003) e Tarallo (1983).

## 1.2 A Sociolingüística Laboviana

Em linhas gerais, a tarefa da Sociolingüística consiste em mostrar a co-variação entre os fenômenos lingüísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito.

Nessa perspectiva, o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo proposto por Chomsky (1957). Este considera objeto dos estudos lingüísticos a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea, enquanto aquele vê a língua como instrumento utilizado pelo homem para comunicar suas necessidades, idéias e emoções, em um determinado contexto social, como podemos confirmar a seguir.

Language is a form of social behavior. (...) Children raised in isolation do not use language; it is used by human beings in a social context, communicating their needs, ideas, and emotions to one another". (LABOV, 1972, p.183)<sup>3</sup>.

Dessa forma, percebemos que os estudos desse autor vão além dos tópicos lingüísticos considerados pela lingüística geral: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, conforme afirmação do próprio Labov (1972, p.184): " We will be concerned with the forms of linguistic rules, their combination into systems, the coexistence of several systems, and the evolution of these rules and systems with time" <sup>4</sup>.

Porém, é importante ressaltarmos que Labov não foi o primeiro lingüista a estabelecer a relação entre língua e sociedade. Saussure, no início do século XX, quando instituiu para a lingüística a teoria dos signos e os conceitos de *langue* (língua) e *parole* (discurso), já afirmava que "a língua é a parte social da linguagem"<sup>5</sup>. No entanto, para o autor, as explicações dos fatos lingüísticos se

---

<sup>3</sup> "Língua é uma forma de comportamento social. (...) Crianças que ficam isoladas não usam língua; ela é usada por humanos inseridos em um contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções um para o outro." (LABOV, 1972, p. 183, tradução nossa).

<sup>4</sup> "Nós estaremos preocupados com as formas das regras lingüísticas, sua combinação no sistema, a coexistência de vários sistemas, e a evolução dessas regras e sistemas com o tempo". (Ibid., p. 184, tradução nossa).

<sup>5</sup> LABOV, op.cit., p.185

davam a partir de outros fatos lingüísticos, ou seja, as explicações sobre o sistema se baseavam no próprio sistema. Isso significa que Saussure não considerava os fatores externos relacionados com o contexto social, tais como: idade, sexo, grau de escolaridade, classe social, etc.

Podemos dizer que o grande avanço apresentado pela Sociolingüística Laboviana, além de relacionar língua e sociedade como princípio básico para seus estudos, foi considerar as variações e as mudanças, analisando e sistematizando as variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, de acordo com a visão de Weinreich, Labov e Herzog (1968). E essa sistematização, segundo Tarallo (1990), dá-se por meio de cinco aspectos, a saber: a) levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise; b) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes<sup>6</sup> que a constituem; c) análise dos possíveis fatores condicionadores (lingüísticos e não-lingüísticos) que favorecem o uso de uma mesma variante sobre a(s) outra(s); d) encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade, ou seja, a motivação das hipóteses e de grupos de fatores relacionados à variável; e) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade.

Assim, para a análise sociolingüística, o Vernáculo<sup>7</sup> constitui o seu objeto de estudo. E como o modelo é de caráter quantitativo, a representatividade do *corpus* é avaliada em função da variável estudada, baseada nos objetivos centrais do estudo realizado.

De acordo com Mattos (2003, p.16),

---

<sup>6</sup> Ainda de acordo com Tarallo (1990) “variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de ‘variável lingüística’”.

<sup>7</sup> Vernáculo é “a enunciação e expressão dos fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciar-los”. (TARALLO, 1990, p. 19).



A ambição teórica da Sociolingüística como ciência é construir um modelo de análise que, contendo elementos especularmente relacionados aos elementos da estrutura lingüística, possa demonstrar as possibilidades de relacionamento entre esses elementos estruturais a partir da correlação com os fatos empíricos. O objetivo maior é construir um conjunto mínimo de princípios gerais que configurem uma teoria da variação/mudança lingüística.

Mas, apesar de a Sociolingüística trabalhar com dados empíricos e utilizar um modelo quantitativo e estatístico, os dados por si só não fornecem um resultado final ao sociolingüista. De acordo com a teoria, o discernimento do pesquisador é que vai dar o valor final aos resultados, uma vez que ele deve fazer uma leitura interpretativa dos dados, tirando suas conclusões a respeito dos fatores lingüísticos.

Resumindo, de acordo com Labov, não existe “certo” ou “errado”. A Sociolingüística Laboviana se preocupa em estudar os fenômenos lingüísticos que ocorrem em uma determinada comunidade de fala e que podem chegar aos universais das mudanças. E, enquanto os gerativistas realizam suas investigações a partir de um único dado e, por ele, faz deduções, a Sociolingüística tem o dado empírico apenas como ponto de partida. Só depois de trabalhar com uma amostragem significativa, é que os sociolingüistas tiram suas conclusões; por isso, posicionam-se como indutivistas.

Na próxima seção, mostraremos uma proposta de conciliação para o gerativismo e a Sociolingüística Laboviana: a Harmonia Trans-sistêmica ou Sociolingüística Paramétrica.

### **1.3 A Harmonia Trans-sistêmica ou Sociolingüística Paramétrica**

Segundo Tarallo e Kato (1989, p. 5), a Sintaxe Gerativa, ao se definir como paramétrica, passa a apresentar pressupostos teóricos que vão aproximá-la da Teoria da Variação, uma vez que tenta resgatar a variação inter-lingüística.

Com a Sintaxe Paramétrica, Chomsky propõe que há princípios universais que vão reger as línguas, identificando como estão sendo definidos os parâmetros nas diversas línguas em relação aos princípios existentes. E é exatamente nesse ponto, na visão de Tarallo e Kato (1989), que existe relação entre a Sintaxe Paramétrica e a Teoria da Variação, pois as duas teorias procuram identificar variações lingüísticas. A primeira, trabalhando com as variações inter-lingüísticas e a segunda, com a variação intra-lingüística.

Assim, a Harmonia Trans-sistêmica busca a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, “seja para provar seu espelhamento e reflexo, ou para realinhar um modelo em função do outro” (TARALLO; KATO, 1989, p. 5).

Com a proposta de compatibilização das duas correntes, Tarallo e Kato (1989) sugerem o abandono da dicotomia empirismo/racionalismo, propondo um direcionamento mútuo para a variação intra- e inter-lingüística. Para esses autores, é possível promover um equilíbrio entre as propriedades paramétricas da Sintaxe Gerativa com as possibilidades da Teoria da Variação e, conforme o maior ou menor grau com que se manifesta uma variação num determinado sistema, é possível identificar uma mudança.

O primeiro alcance dessa teoria, conforme Tarallo e Kato (1989, p.8), mostra que

independentemente de laços genealógicos de natureza histórica e/ou geográfica de tempo e de espaço, as línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática, revelando movimentos

sincronizados e espelhados aos quais os gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas.

Para justificar essa afirmação, esses estudiosos fazem referência ao trabalho de Sankoff e Tarallo (1987), no qual demonstram que em duas línguas tão distantes quanto o Tok Pisin e o Português do Brasil há identidade de processos quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas. Além disso, textos de Dubuisson (1981) sobre o Francês Canadense, de Corvalán (1982) sobre o Espanhol Mexicano falado em West Los Angeles, e de Lira (1982, 1986) sobre o Português Carioca revelarão, de acordo com Tarallo e Kato (1989), que muitos dos fatores que condicionam a inversão do sujeito nessas línguas originadas do latim atuam exatamente na mesma direção.

Outro alcance da harmonia trans-sistêmica, segundo Tarallo e Kato (1989), é o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, por exemplo, do parâmetro sintático, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da gramática.

Dessa forma, Tarallo e Kato (1989, p. 9) consideram que

a tendência do Português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substantivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas indeterminadoras da linguagem.

Faz-se oportuno destacar que essa afirmação norteia uma das hipóteses que levantamos neste trabalho, a saber: “A presença de tópico favorece o uso de sujeito lexicalizado”.

A Harmonia Trans-sistêmica prevê, também, como um dialeto de uma determinada língua, numa situação de contato, pode começar a realinhar as

propriedades de seus parâmetros sintáticos, como no caso do Português Brasileiro e o Espanhol Americano: o Português da fronteira é sensivelmente mais solto que o da costa e obedece, no condicionamento da inversão do sujeito, a mesma organização sistêmica do Espanhol Americano, permitindo até a ordem OVS, que não existe no Português falado na costa.

Até o momento, mostramos a dimensão inter-lingüística da Harmonia Trans-sistêmica. Agora, passando do inter- ao intra-lingüístico, apresentaremos uma análise intra-lingüística da teoria, por meio da qual Tarallo e Kato (1989) estudam a variação da ordem sujeito/verbo.

### **1.3.1 A variação sujeito/verbo: do inter- ao intra-lingüístico**

Para investigar a variação da ordem sujeito/verbo, os autores tomam como referência o estudo de Comrie (1981) sobre parâmetro que, segundo o autor, é uma propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa. E, para Comrie, uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades.

Nessa perspectiva, Tarallo e Kato demonstram que quando houver possibilidade de se correlacionar SOV com posposições e VSO com preposições de tal modo a montar relações implicacionais, será possível dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim, que constitui um parâmetro.

O conceito de parâmetro como propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa pode ser incorporado, segundo os autores, na teoria chomskiana, que propõe, em 1981, o Parâmetro *pro-drop* (Parâmetro do Sujeito Nulo), que

foi o primeiro passo no sentido de buscar explicar diferenças entre línguas no tocante à possibilidade de apresentarem ou não um sujeito nulo. O ponto crucial a distinguir as línguas nesse particular seria o elemento de concordância – AGR – a um só tempo capaz de licenciar e permitir a recuperação do sujeito nulo em línguas com um sistema flexional rico, como o italiano, por exemplo.<sup>8</sup>

É importante ressaltar que uma das possibilidades de uma sentença realizar-se com sujeito nulo está na inversão livre do sujeito, um parâmetro que já foi atestado para o Italiano por Rizzi (1982, p. 117), para o Espanhol, por meio dos estudos de Torrego (1984, p. 103) e para o Catalão – Picallo (1984, p. 75), conforme apresentam Tarallo e Kato (1989, p.13,14):

It has been shown in recente work that other properties systematically correlate with the null subject property: first of all null subject languages generally have a free process of subject inversion, while non-null-subject languages generally do not.<sup>9</sup>

- (a) Ha telefonato Gianni.
- (b) Ho trovato il libro.

Null subject languages, such as Italian and Spanish may have a phonetically unrealized pronoun as subject (...). It is characteristic of these languages to exhibit free subject inversion.<sup>10</sup>

- (c) Contesto la pergunta Juan.
- (d) No hablo portugues.

Catalan, being a null subject language, shows all the properties commonly associated with languages of this type: free inversion of the subject, missing subject...<sup>11</sup>

- (e) Ha menjat en Joan.
- (f) Ha menjat.

---

<sup>8</sup> DUARTE, 1993, p. 107.

<sup>9</sup> “Tem sido mostrado, em trabalho recente, que outras propriedades sistematicamente correlacionam-se com a propriedade do sujeito nulo: primeiro que todas as línguas de sujeito nulo geralmente têm um processo de inversão livre do sujeito, enquanto línguas de sujeito ‘não-nulo’ geralmente não têm”. (Tradução nossa)

<sup>10</sup> “Línguas de sujeito nulo, assim como Italiano e Espanhol podem ter um pronome foneticamente não realizado como sujeito (...). É uma característica dessas línguas para exibirem a ‘inversão livre do sujeito’”. (Tradução nossa)

<sup>11</sup> “O Catalão, sendo uma língua de sujeito nulo, mostra todas as propriedades comumente associadas com línguas deste tipo: inversão livre do sujeito, sujeito ‘ausente’”. (Tradução nossa)

Entretanto, de acordo com os autores em estudo, a descoberta de que uma língua de sujeito nulo como o Português não pode ter inversão livre de sujeito, e de dialetos Italianos como o Trentino, que mesmo sem permitirem a realização foneticamente nula do sujeito, admitem a inversão livre do sujeito, implica que sujeito nulo e inversão livre de sujeito parecem constituir parâmetros diferentes, como podemos observar na tabela<sup>12</sup> abaixo:

TABELA 1

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE
Italiano e Espanhol	+	+
Português	+	-
Trentino	-	+
Francês	-	-

FONTE: TARALLO; KATO, 1989, p.15.

A conclusão dos autores é que o Português, o Italiano e o Espanhol aparecem como uma classe em função da possibilidade do sujeito nulo e o Trentino e o Francês como uma outra classe. Por outro lado, o Italiano, o Espanhol e o Trentino agrupam-se em relação à inversão livre do sujeito, ao passo que, nesse aspecto, o Português se comporta como o Francês e até mesmo como o Inglês, se este fosse acrescentado à Tabela 1.

Outra constatação dos autores é que a ordem VS não é um fenômeno homogêneo, devendo sua ocorrência, ou incidência no Português ser analisada levando em consideração essa heterogeneidade. Além disso, os estudos lingüísticos de propriedades paramétricas também não diferenciam línguas que admitem VS,

---

<sup>12</sup> Destacamos que todas as tabelas referentes ao estudo de Tarallo e Kato (1989), apresentadas nesta seção, não possuem título.

embora com restrições como o Português, de outras como o Inglês, que excluem essa ordem de sua gramática de modo quase categórico.

Além disso, Tarallo e Kato (1989) propõem que essas análises possibilitam um estudo empírico mais interessante do Português, dando subsídios para uma lingüística trans-sistêmica a partir do fenômeno VS que pode ocorrer em cada língua estudada e provendo dados sobre o grau de produtividade do fenômeno em cada uma.

Outro fenômeno observado pelos autores são as chamadas construções apresentativas. Estas ocorrem com verbos existenciais e de aparecimento, nas quais o sujeito ou é vazio (Português, Espanhol, Italiano), ou é um expletivo semanticamente vazio (Francês, Trentino, Bielês), havendo de forma correspondente a essas, formas com o sujeito lexicalmente preenchido com os mesmos elementos que aparecem na posição pós-verbal, conforme os seguintes exemplos extraídos de Tarallo e Kato (1989, p. 17):

- |  |                                  |
|--|----------------------------------|
| (1) a. Chegaram os ovos/ chegou os ovos. | a. Os ovos chegaram.             |
| (2) a. Llegaron los huevos.              | a. Los huevos llegaron.          |
| b. Sonno arivati molti ragazzi.          | b. Molti ragazzi sonno arrivati. |
| c. Il est arrivées trois filles          | c. Trois filles sont arrivées.   |
| d. Al a ny I Dz 'uan (bielês)            | d. Al Dz 'uan al a ny.           |
| (ele tem vindo o João)                   |                                  |

Em relação ao Português, Kato (1981), segundo os autores em questão, propôs que as ordens SV e VS eram igualmente básicas na língua, porém para muitos autores, se há algum tipo de inversão com verbos ergativos<sup>13</sup> não seria a posposição do sujeito, mas o alçamento do argumento interno do verbo à posição de seu argumento externo, ocupado a princípio por uma categoria vazia.

---

<sup>13</sup> Eliseu (1984) e Saltarelli (1981) chamaram alguns verbos de ergativos “pela possibilidade de seu argumento único poder ocupar tanto a posição de objeto quanto a de sujeito e pelo fato de terem um objeto que não aceita caso acusativo”. (TARALLO; KATO, 1989, p.18).

Tarallo e Kato (1989) se fundamentam, também, em Eliseu (1984) para explicar que esses verbos constituem não uma subclasse dos verbos intransitivos, mas uma classe de verbos à parte, com propriedades que possibilitam aproximá-los dos verbos transitivos de um lado e com outras que os identificam com os intransitivos. Segundo Tarallo e Kato, Eliseu postula que o Português possui uma classe muito extensa desses verbos, não se restringindo a verbos de existência e de apresentação, mas incluindo verbos aspectuais, incoativos e pronominais passivos. Essa produtividade do Português não ocorre com todas as línguas que manifestam construções ergativas.

Considerando, então, as construções ergativas como um fenômeno de inversão livre, a tabela anterior ficará, agora, da seguinte forma:

TABELA 2

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE	SINTAXE ERGATIVA
Italiano e Espanhol	+	+	+
Trentino	-	+	+
Francês	-	-	+
Português	+	-	+

FONTE: TARALLO; KATO, 1989, p.19.

Com base nos estudos de Torrego (1984), Tarallo e Kato (1989) notam que, além dos pronomes interrogativos, certos advérbios também podem exercer algum tipo de atração para termos inversão livre. Porém, ressaltam que advérbios que são



tópicos não exercem essa atração; apenas os que são foco<sup>14</sup> levariam consigo o verbo, conforme os seguintes exemplos:

(3) **Aqui** dormem as crianças. (aqui = foco)

(4) **Aqui**, as crianças não dormem. ( aqui = tópico)

Os autores observam, no entanto, que a antecipação do verbo não ocorre com qualquer advérbio; isso parece ser possível apenas com os locativos, principalmente “aqui” e “lá”. Além disso, quando “aqui” aparece no início da sentença como informação nova, leva consigo o verbo, provocando a inversão. Entretanto, se o advérbio é tópico da sentença, o verbo continua em sua posição canônica.

Perceberam que o movimento de anteposição do verbo ao sujeito é obrigatório em Francês e Espanhol e opcional no Português do Brasil, como está representado na tabela seguinte:

TABELA 3

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE (obrigatório)	SINT. ERGATIVA	V. FRONT
Italiano e Espanhol	+	+	+	+
Trentino	-	+	+	+
Francês	-	-	+	-
Português	+	-	+	-

FONTE: TARALLO; KATO, 1989, p. 23, 24.

<sup>14</sup> “Foco é uma construção do tipo SN+N que se distingue de tópico-comentário (ou tópico marcado) pelo fato de não possuir pausa marcada entre SN e N, conforme exemplos: ‘O PEDRO a Maria convidou (não o João)’ -foco - e ‘O Pedro, (ele) saiu agora mesmo’ - tópico. (CALLOU *et alii*, 1993, p. 236).

As inversões livres, segundo os autores, afetam estruturas contendo verbos transitivos e verbos intransitivos distintos dos apresentativos. E a regra de inversão livre movimentada o sujeito de verbos transitivos, intransitivos e também os de ligação para a direita.

Seguindo esse raciocínio, a tendência no Português Brasileiro de preencher o sujeito, de acordo com Tarallo e Kato (1989) com base em Kato e Tarallo (1986) e Galves (1986), explicaria por que a inversão livre não é produtiva em Português.

Na verdade, se a inversão livre for considerada como construção de antitópico<sup>15</sup>, não há necessidade de pressupor uma inversão. Esses SNs antitópicos, de acordo com o ponto de vista interpretativista e não-transformacionalista, seriam gerados como antitópicos e os sujeitos nulos ou pronominais seriam interpretados como co-referentes a esses antitópicos. No Português Brasileiro, tanto o tópico quanto o antitópico têm a tendência de aparecer em posições não-argumentais.

Os autores concluem que, nas construções ergativas, o Português comporta-se como língua de sujeito nulo e nas construções de antitópico, como língua de sujeito não nulo. A estrutura tem um comportamento diferente tanto de línguas de sujeito nulo, como de sujeito não-nulo, porque essa regra não é obrigatória em nossa língua.

Resumindo, os autores observaram que, em Português, podemos identificar os seguintes fenômenos na ordem VS: sintaxe ergativa, regida lexicalmente, nas quais o SN à direita do verbo é um objeto inacusativo, ou seja, verbo que não aceita caso acusativo; construções em que o verbo se antepõe ao sujeito, atraído por

---

<sup>15</sup>As construções de antitópico, segundo Tarallo e Kato (1989) “são representadas na configuração estrutural com NP em posição adjunta a S, vinculado a um pronome resumptivo zero, anafórico”. (ROCHA, 2001, p.165)

algum elemento em COMP como pronomes interrogativos, advérbios dêiticos e até a própria flexão; construções de antitópico.

Outra consideração desses autores se baseia nos estudos de Kato e Tarallo (1986) e de Lira (1982, 1986) sobre as análises intra-lingüísticas do Português, que têm mostrado que, na variante falada no Brasil, o sujeito, na maioria das vezes, é preenchido.

Uma das hipóteses para essa ocorrência, segundo Tarallo e Kato (1989) é que o emprego de pronomes como “você (s)” e de formas como “a gente” tem mostrado que o lugar do pronome reto é fonologicamente muito saliente no Português do Brasil, o que não acontece com as outras línguas românicas. Por outro lado, os pronomes acusativos estão, de forma gradativa, sendo substituídos ou pelas formas nominativas (ele em vez de o, por exemplo) ou sendo eliminados, causando um tipo de elipse que não é comum nas línguas românicas, segundo Duarte (1986). E esse uso cada vez mais generalizado do pronome pessoal sujeito preenchido explica o porquê de nossa língua não ser produtiva em relação à regra de inversão livre.

Finalizando, o trabalho de Tarallo e Kato (1989) mostra que a variação inter-lingüística, no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, fornece informações fundamentais em sua busca de uma análise mais apurada, enquanto a variação intra-lingüística, não se perdendo em questões de fatores condicionadores, evita por meio de projeções da variação inter-lingüística, levar a estatística às últimas conseqüências quando a organização do dado em si, já mostraria com antecedência a irrelevância dos fatores levados em consideração.

Apesar de o nosso trabalho não ter como objeto de estudo a variação inter-lingüística, fica evidente a relevância dessa teoria para nossa pesquisa, uma vez

que as investigações das construções de tópico, no nível intra-lingüístico, poderão dar suporte às nossas investigações no nível inter-lingüístico.

No que se refere às construções de tópico, as Gramáticas Tradicionais do PB e do PE tratam o assunto de modo diferente, conforme veremos a seguir.

## 1.4 As construções de tópico na visão tradicional

### 1.4.1 A Gramática Tradicional do Português do Brasil

Em nenhum momento os gramáticos brasileiros registram as construções de tópico como um processo sintático-semântico que consiste em deslocar à esquerda um constituinte.

No que se refere aos sintagmas nominais deslocados à esquerda, a Gramática Tradicional do PB trata apenas do anacoluto e do objeto pleonástico, geralmente como figuras de sintaxe, ora para valorizar o texto do bom escritor literário, ora como vícios de linguagem que devem ser evitados pelas pessoas de modo geral, conforme Cunha (1979), Melo (1978) e Cegalla (1979).

Cunha apresenta o anacoluto como “a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível”, conforme exemplos:

(5) **Aquela mina de ouro**, *ela* não ia deixar que outras espertas botassem mãos.<sup>16</sup>

(6) **Eu** parece-me que conheço este diabo de o ver em Braga, no Café de Açucena, na Cruz de Pedra.

Já o “objeto pleonástico”, é considerado pelo autor como uma forma de realce ao objeto direto, sendo costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-

---

<sup>16</sup> Os exemplos (5) a (8) foram extraídos de Cunha (1979, p. 581).

lo com a forma pronominal (o, a, os, as). Também, segundo o autor, com a finalidade de enfatizar, o pronome 'lhe' (lhes) pode reiterar o objeto indireto expresso por sintagma nominal colocado no início da frase.

Dessa forma, de acordo com Cunha (1979), para ressaltar o objeto direto ou o indireto, usa-se fazer acompanhar um pronome átono da sua forma tônica regida da preposição 'a', como nos exemplos (7) e (8):

(7) **Letras vencidas**, urge pagá-*las*, disse eu ao levantar-me.

(8) **À doente** trouxeram-*lhe* uma xícara de caldo que ela pareceu beber com gosto.

Melo (1978, p. 216 et seq.) por sua vez, registra apenas o que chama de pleonasmos sintáticos como “vícios quando dão a impressão de que o falante desconhece o sentido da palavra e entra em demasia; é recurso estilístico, quando se usa por ênfase ou para reforçar a expressão”.

Em relação à abordagem desse autor, chamou-nos a atenção o que chama de pleonasma iterativo, que “consiste em duplicar a explicitação de uma função sintática. Não se trata de repetir palavra, de preencher duas vezes a mesma função”.

Melo afirma ainda que, na linguagem literária, é muito comum “repetir-se por um pronome conveniente o objeto direto, o indireto ou o predicativo com que se inicia a oração”, conforme exemplos apresentados pelo autor, às páginas 216 e 217, respectivamente:

(10)**Os pés** tinha-**os** [o ancião] descalços e cobertos de poeira e cinza

(11)**O mundo das visões** cria-**o** a mente pura do poeta.

Já Cegalla (1979, p. 234) apresenta apenas o objeto pleonástico, seguido de exemplo:

Quando queremos dar destaque ou ênfase à idéia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo. A esse objeto repetido sob forma pronominal chama-se “pleonástico”, “enfático” ou “redundante”.

(12) **Os lucros** ninguém **os** viu.

Segundo Cegalla, escritores modernos geralmente omitem o pronome objeto:

(13) E **os amigos** a gente conhece na hora do aperto.<sup>17</sup>

Além disso, para o autor, o objeto direto e o objeto indireto, de forma semelhante, podem vir reforçados por ênfase:

(13) **A mim** o que me deu foi pena.

O que nos chama a atenção é que Cegalla (1979), diferentemente dos outros autores citados, registra os objetos pleonásticos na seção da sintaxe, em “termos integrantes da oração” e o anacoluto, na parte da gramática destinada às “figuras de construção”, referindo-se a ele como fato comum na língua oral, que só deve ser usado na escrita com sobriedade e consciência, a saber: “Anacoluto é a quebra ou interrupção do fio da frase, ficando termos sintaticamente desligados do resto do período, sem função”, conforme exemplos (14) e (15):

(14) **Eu** não me importa a desonra do mundo. Nota 18 aqui.

(15) **Essas criadas de hoje** não se pode confiar **nelas**.

O que fica evidente, de acordo com o exposto, é que não há consenso entre os gramáticos tradicionais brasileiros a respeito das construções dessa natureza.

---

<sup>17</sup> Os exemplos (12) a (15) foram extraídos de Cegalla (1979, p. 234).

Isso, no nosso entendimento, deve-se ao fato de a Gramática Tradicional não ter como objeto de estudo a língua oral, privilegiando o estudo das sentenças que obedecem à norma que considera padrão e que têm como base a seqüência SVO (sujeito-verbo-objeto).

É como se enunciados com tópico fossem construções estigmatizadas na língua, usadas pelos falantes apenas como recurso estilístico, ou por falta de conhecimento das normas gramaticais. A Gramática Tradicional não leva em conta a relação entre língua e sociedade, ao contrário dos estudos lingüísticos que têm como fundamento a Sociolingüística, corrente na qual o nosso trabalho se insere.

Na próxima seção, passaremos à apresentação de análises relevantes para a nossa dissertação.

#### **1.4.2 As construções de tópico na gramática do Português Europeu, na perspectiva de Vasco (1999).**

A apresentação do trabalho de Vasco (1999) objetiva mostrar uma visão mais ampla das construções de tópico na Língua Portuguesa.

Diferentemente do que observamos nas Gramáticas do PB, as construções de tópico recebem tratamento mais aprofundado no PE, conforme mostraremos por meio da análise de Vasco.

Para realizar seu estudo a respeito do PE, o autor baseou-se em Mateus *et alii* (1983). Em sua gramática, essas autoras fazem a distinção entre tópicos discursivos (expressões que funcionam como tópicos de seqüências textuais) e tópicos frásicos (tópicos de uma frase), estabelecendo diferença entre construções de tópico-comentário “marcadas” e “não marcadas”, sendo que as frases

declarativas não marcadas correspondem à estrutura temática tópico-comentário, mas sintaticamente são sentenças SV(O). Assim, “o sujeito tem, em geral, a função pragmática (ou textual) de tópico, e o predicado constitui o comentário acerca desse tópico”. (MATEUS *et alii*, 1983 apud VASCO, 1999, p. 48). Por outro lado, quando se estabelece distinção entre tópico e sujeito, a estrutura é de tópico marcado.

Como o nosso trabalho tem como objeto as construções marcadas, isto é, quando há distinção entre tópico e sujeito, apresentaremos os seguintes tipos de construções, de acordo com a gramática de Mateus *et alii*, na abordagem de Vasco (1999, p. 48 et seq.):

a) Tópico pendente (menor grau de sintaticização):

Não apresenta características de co-referência entre o tópico e qualquer expressão interna ao comentário, assemelhando-se ao conceito de anacoluto da Gramática Tradicional do PB.

(16) **Fábulas**, não gosto especialmente da história do **corvo e da raposa**.<sup>18</sup>

b) Deslocação à esquerda de tópico pendente

Apresenta características de conectividade referencial e de traços sintáticos entre tópico e uma expressão interna ao comentário:

(17) **A Ana**, imagina que o João jantou com **ela** ontem.<sup>19</sup>

c) Deslocação à esquerda clítica

---

<sup>18</sup> VASCO, 1999, p. 48.

<sup>19</sup> *Ibid.* p. 50.



De acordo com Mateus *et alii* (1983 apud VASCO, 1999, p. 51), a distinção básica entre deslocação à esquerda de tópico pendente e deslocação à esquerda clítica baseia-se na presença ou não de preposição junto ao tópico. Se houver preposição, haverá deslocação à esquerda clítica, se não houver, haverá deslocação à esquerda com tópico pendente.

d) Topicalização

São características da construção de topicalização na apresentação de Mateus *et alii* (1983 apud VASCO, 1999):

- (i) Aparecimento no comentário, de uma posição vazia. É o tópico que dará o valor dessa categoria vazia tanto em posição de objeto direto, quanto de objeto indireto, lembrando que na gramática de Mateus *et alii* (1983) não são descritas construções com topicalização de sujeito. Este tipo de construção é o que possui maior grau de sintaticização;
- (ii) a conexão de referência que existe entre tópico e posição vazia assegura o reconhecimento dos traços de gênero, pessoa e número dessa posição vazia;
- (iii) há conectividade de caso e função semântica entre tópico e posição vazia no comentário;
- (iv) a topicalização não se limita a contextos de frase, como no seguinte exemplo:

(18) E a avó contou então [que, **ao corvo**, a raposa tinha roubado o queijo num abrir e fechar de olhos].<sup>20</sup>

(v) É possível haver a topicalização de mais de um constituinte:

(19) **Ao João, esse livro**, nunca ofereci .<sup>21</sup>

Segundo Vasco (1999), além de Mateus *et alii* (1983) não considerarem construções de tópico que se vinculem à posição de sujeito na sentença-comentário, não descrevem o fato de um constituinte oblíquo topicalizado aparecer sem a preposição. De acordo com esse autor, mais recentemente, uma das autoras dessa gramática que foi utilizada em seu trabalho, Duarte (1996), considera esse tipo de construção, referindo-se a ele como “topicalização selvagem”. Duarte (1996) sustenta que esse tipo de topicalização ocorre no PE, de modo geral, em contextos em que a preposição seria apenas um marcador de caso, não se constituindo num fator primordial para considerar uma dada língua como de tópico. São exemplos dessa construção, retirados de Pontes (1980 e 1986), Kato (1993) e citados por Duarte (1996 apud VASCO, 1999, p. 53):

- (20) a. **Essa cerveja** eu não gosto.  
b. **Esse relatório**, creio que não precisamos para a reunião de hoje.  
c. **O seu regime** entra muito laticínio.  
d. **Isso** eu tenho uma porção de exemplos.

Construções como as apresentadas no exemplo (20) têm favorecido argumentos, segundo Duarte (1996), de que o PB ao contrário do PE “evoluiu” para língua de tópico.

---

<sup>20</sup> VASCO, 1999, p. 52.

<sup>21</sup> VASCO, 1999, loc. cit.

## 1.5 As construções de tópico na perspectiva do Português Brasileiro

### 1.5.1 A análise de Callou *et alii* (1993)

A análise de Callou *et alii* (1993) examina as construções de tópico (TOP) e de deslocamento à esquerda (DE), a partir da interface sintaxe e prosódia, propondo uma estrutura de tópico *lato sensu*, isto é, sem estabelecer diferença entre TOP e DE.

Em relação a essa estrutura, consideraram as seguintes construções<sup>22</sup>, já apresentadas na introdução desta dissertação:

- i. o termo co-indexado é um pronome cópia;

Ex: Então **a minha de onze anos...** **ela** supervisiona o trabalho dos cinco. (d2/sp-360:141;192)

- ii. o termo co-indexado é uma categoria vazia;

Ex: **A passagem** eu compro  $\emptyset$  a prazo. (d2/rj-355: 3/61)

- iii. o termo co-indexado é um demonstrativo;

Ex: **Esse problema de puxar pela criança** ... eu acho que **isso** não funciona muito. (did/as-231 : 3/69)

- iv. o termo co-indexado é repetição da mesma expressão;

Ex: **O café** em casa **o café** é muito demorado...muito complicado. (d2/sp-360: 144/311)

- v. o termo co-indexado é substituição da expressão equivalente;

Ex: **O grande problema das estradas brasileiras...****o grande mal das estradas brasileiras** é o mesmo troço... (d2/AS-98:6/22)

---

<sup>22</sup> CALLOU *et alii*, 1993, p. 320-322.

Callou *et alii* (1993) comparam o PB ao Chinês e ao Japonês, a partir do estudo de Pontes (1987), que conclui que o Português do Brasil é uma língua de proeminência de tópico.

Faz-se necessário explicar que, para fazer essa classificação, Pontes (1987) se baseia em Li & Thompson (1976), que classificam as línguas em dois tipos: as de proeminência de sujeito, isto é, as que estabelecem a predicação principal da sentença por meio da relação sujeito/predicado, e as de proeminência de tópico, que estabelecem a predicação por meio da relação entre um constituinte tópico e uma sentença (o comentário)<sup>23</sup>.

Ainda de acordo com Li & Thompson (1976), as línguas que apresentam predicções com TOP podem ter, ou não, um elemento a ele co-referente, dentro da sentença.

Nessa perspectiva, Callou *et alii* (1993) mostram que, na visão de Kato (1989), as línguas de proeminência de sujeito como, por exemplo, o Inglês, permitem o aparecimento de um sujeito ligado a posições argumentais, mas não admitem ligação com posições que não sejam argumentos do verbo. Já as línguas de tópico admitem ligação não só com posições V-argumentais<sup>24</sup>, mas também, com posições que são argumentos de nome, adjetivo e preposições, ou seja, complementos e adjuntos.

Feitas essas análises, Callou *et alii* (1993) realizam um levantamento de estruturas de tópico *lato sensu*, investigando a ocorrência dos seguintes fatores: padrão sentencial, região, tipo de entrevista, sexo, modo de interação e de fatores

---

<sup>23</sup> Salientamos que, nesta dissertação, não investigamos o tópico nessa perspectiva. Analisamos o tópico sintático, considerando as construções de tópico *lato sensu* propostas por Callou et alii (1993).

<sup>24</sup> Posições V-argumentais são aquelas ocupadas por um termo “que desempenha uma função predita pela grade temática do verbo”. (CALLOU, *et alii*, 1993, p. 318)

sintáticos: posição sintática do elemento co-indexado, categoria sintagmática do elemento co-indexado e categoria sintagmática do elemento topicalizado.

De acordo com a análise dos autores, num total de 176 ocorrências, 122 foram de TOP+DE e 54 de sujeito. Em relação aos fatores sintáticos, destacou-se como relevante apenas a posição sintática do elemento co-indexado e os resultados evidenciaram que TOP corresponde a um termo não -V-argumental (N-IND)<sup>25</sup>, ao complemento (CØ) deslocado e ao sujeito da subordinada (S(sub)), enquanto o DE está indexado ao sujeito da sentença subsequente, conforme as tabelas 4 e 5 apresentadas a seguir:

TABELA 4

	Top (80/62%)	DE(50/38%)	Total
S	18/32%	39/68%	57
CØ	34/83%	7/17%	41
S(sub)	4/67%	2/33%	6
N-IND	23/100%	-	25
CØ	1/50%	1/50%	2
TOP(sub)	-	1/100%	1

FONTE: CALLOU *et alii*, 1993, p. 324

Eliminando os casos em que o elemento co-indexado faz parte de uma sentença subordinada, os autores obtiveram os seguintes resultados:

<sup>25</sup> Termo não-V-argumental é o termo não indexado ao verbo. (CALLOU *et alii*, 1993 apud ROCHA, 2001, p.54).

TABELA 5

	Sujeito	Complemento	não indexado
TOP	24%	46%	30%
DE	87%	13%	0%

FONTE: CALLOU *et alii*, 1993, p. 324.

Nessa investigação, os autores constataram que, quando a construção de tópico não possui elemento co-indexado, o que será tomado como referência é a sentença subsequente. Mas, quando se sai do nível da sentença e se observam as relações transfrásicas no discurso, percebe-se que, na maioria das vezes, o elemento topicalizado já foi mencionado no contexto anterior. Desta forma, o elemento topicalizado não corresponde a um dado novo, isto é não é foco.

Outra constatação dos autores é que, quanto ao modo de interação, DE é mais freqüente em discursos cuidados, nos quais o falante retoma várias vezes o que foi dito, com a finalidade de manter explícitas todas as posições sintáticas, evitando lacunas.

Já em relação aos fatores prosódicos, Callou *et alii* (1993) mostram que a estrutura TOP não apresenta pausa, nem pronome, é contrastiva, enquanto a estrutura DE apresenta pausa, pronome e é não-contrastiva.

Porém, em suas análises, Callou *et alii* (1993) observaram que a pausa não opõe TOP a DE, mas que sua presença ou ausência, na verdade, caracteriza a função contrastiva ou coesiva das construções de tópico. Verificaram também que, do ponto de vista prosódico, a distinção TOP/DE não é muito nítida, mas que a prosódia marca com maior clareza a oposição entre sujeito e TOP + DE.

Na conclusão de seu trabalho, os autores mostram que DE está indexado preferencialmente ao argumento externo (sujeito) com uma possibilidade limitada de

co-indexação com o argumento interno. Em TOP, inversamente, a co-indexação se estabelece geralmente com o argumento interno ou com um elemento não-V-argumental e, eventualmente apenas, com o sujeito. Neste último caso, isto é, em relação à co-indexação de TOP com o sujeito, a existência da pausa é praticamente categórica, passando a assumir um valor distintivo, que diferencia as construções tópico-comentário/sujeito-predicado. Isso mostra que TOP e DE estão em distribuição complementar e não em oposição.

Assim, em termos gerais, não há distinção marcada entre TOP/DE. A distinção só fica nítida quando se opõem não as duas construções entre si, mas, sim, tópico-comentário a sujeito-predicado. A prosódia, então, só é um traço distintivo nas construções tópico-comentário vs. sujeito-predicado, sendo, em alguns casos, o único fator capaz de distinguir as duas estruturas.

Isso posto justifica a relevância desse estudo para o nosso trabalho. Também investigamos uma estrutura de tópico *lato sensu*, como mencionamos na introdução desta dissertação. Analisamos as construções denominadas TOP e DE, considerando que TOP está co-indexado a uma categoria vazia ou a um termo não-V-argumental, enquanto DE está co-indexado a um pronome cópia/pronome demonstrativo, ou à mesma expressão, ou ainda a um termo que é substituição da expressão equivalente.

Em nosso trabalho, o principal objetivo é investigar as estruturas com tópico, mas investigamos, também, as estruturas com sujeito, para verificar se estas ocorrem na mesma frequência que aquelas.

### **1.5.2 O estudo de Leite *et alii* (1996)**

O estudo de Leite *et alii* investiga a distinção entre as construções de tópico e as construções com adjunções à esquerda da sentença com base em Kato (1991) que propõe um tratamento único para as construções de tópico, adjunto ou deslocamento à esquerda.

O estudo de Leite *et alii* (1996) passa, também, pela classificação das línguas em dois grupos, conforme Li & Thompson (1976): as de proeminência de sujeito e as de proeminência de tópico.

Nessa perspectiva, os autores fazem referência a Pontes (1981) para mostrar que o Português é uma língua que admite os dois tipos de predicação. E o fato de o Português do Brasil permitir a ocorrência de sujeitos e objetos nulos possibilita construções com tópico em que o co-referente aparece nulo, como no exemplo a seguir:

(21) **O Pedro**, a Maria (**o**) convidou várias vezes. (TOP)<sup>26</sup>

Leite *et alii* (1996) consideram, ainda, que o co-referente nulo pode levar a uma ambigüidade sintática de tópico marcado com construções como SN+S, que podem ser interpretadas como foco marcado:

(22) **O Pedro** a Maria convidou (não o João) (FOCO)<sup>27</sup>

De acordo com Leite *et alii* (1996), quando o tópico marcado apresenta co-referente apagado confunde-se com construções de sujeito+predicado. Por isso,

---

<sup>26</sup> LEITE *et alii*, 1996, p. 321

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 322.



procuram desfazer essa ambigüidade com propriedades de caráter supra-segmental, analisando a curva prosódica das sentenças.

Comparando as estruturas de tópico e as de adjunção acéfala, os autores verificaram que a classificação era um tanto arbitrária e que adjuntos dessa natureza foram considerados tópicos ou vice-versa.

A seguir, Leite *et alii* (1996) apresentam exemplos classificados no trabalho de Callou *et alii* (1993) como tópicos ou adjuntos, em função de haver ou não a presença de preposição.

(23) a- **Paris** eu fico na casa de um amigo D2/RJ (tópico)<sup>28</sup>

b-**Em Estocolmo** eu fico também no apartamento de um amigo D2/RJ (adjunto)

A conclusão dos autores corrobora o que Callou *et alii* (1993) já tinham observado: tópico e adjunto à esquerda não apresentam padrões entonacionais que possam ser diferenciados de maneira nítida e que a ausência ou presença da preposição não está correlacionada à presença de vínculo a um co-referente no interior da oração.

Assim, o estudo desses autores dá suporte à opção que fizemos pelas construções *lato sensu*, investigando a ocorrência de TOP, DE, e dos Adjuntos sem cabeça.

## 1.6 As construções de tópico numa abordagem diacrônica

Apesar de o nosso trabalho ter sido realizado à luz da sincronia, apresentamos o estudo de Decat (1989), em virtude de a autora mostrar que as

---

<sup>28</sup> LEITE *et alii*, 1996, p. 323.

construções de tópico já existiam na língua desde o século XVIII, e por explicar o que permitiu sua entrada na Língua Portuguesa.

Essa exposição da autora corrobora a pertinência do nosso trabalho, tendo em vista que, mesmo sendo tão antigas na língua, essas construções ainda não foram reconhecidas pela Gramática.

Além disso, a autora apresenta dados do Português dos séculos XVIII e XIX e da primeira metade do século XX, numa perspectiva que subjaz às postulações de Weinreich, Labov e Herzog (1968), especialmente de Labov (1982), sobre a questão da mudança lingüística, vista como um fenômeno que não é estático, levando ao processo de substituição de uma estrutura por outra.

Em seu trabalho, Decat (1989) não estabelece diferença entre topicalização e deslocamento à esquerda, tratando as construções de tópico sob o ponto de vista representacional, interessando-se pelo fato de esse fenômeno existir na língua portuguesa, já há algum tempo, seja com pronome-cópia ou sem ele.

O corpus analisado constituiu-se de correspondências oficiais e pessoais e diários dos séculos XVIII, XIX e XX (1<sup>a</sup>. metade), por acreditar que esse tipo de texto se aproxima mais da oralidade.

Para efeitos de análise, os dados coletados pela autora foram distribuídos em cinco períodos:

Século XVIII : 1<sup>a</sup>. metade: dados de 1725 = Período I

2<sup>a</sup>. metade: dados de 1768 –69 = Período II

Século XIX : 1<sup>a</sup>. metade: dados de 1824 –50= Período III

2<sup>a</sup>. metade: dados de 1862 –98= Período IV

Século XX : 1<sup>a</sup>. metade: dados de 1906 –47 = Período V

De um total de 244 textos, foram detectadas 99 construções de tópico, conforme o quadro abaixo:

Período	Nº de documentos	Total de CTs		Média CT / doc.
		Suj.	Compl.	
I	45	1 (16,7%)	5 (83,3%)	0,13
II	41	15 (33,3%)	30 (66,7%)	1,09
III	39	8 ( 38,0%)	13 (62,0%)	0,5
IV	94	3 (15,0%)	17 (85,0%)	0,2
V	25	1 (14,3%)	6 (85,7%)	0,28

**QUADRO 1:** Distribuição das CTs  
 FONTE: DECAT,1989, p.116

Nos dados diacrônicos coletados, foram encontradas construções de tópico similares a (24), (25) e (26):

(24) **Os mares da Bahia** parece que foram escolhidos para o teatro das novas proezas (...) (1850, C5: 12-13)<sup>29</sup>

(25) e chamando o Menistro, e a meza a minha prez, aquém intimey **a d.ª ordem** umildemente **a** respeitarão(...) 1725, C32: 22-23)

(26) **D. Balbina e as meninas** nem posso explicar. (1915, C6)

A autora observa que construções como essas também são encontradas no Português contemporâneo, mas, atualmente, há construções de tópico que não foram encontradas no corpus diacrônico, como (27) e (28):

(27) **Essa casa** bate bastante sol.

(28) **Minhas gavetas** não cabem mais nada

<sup>29</sup> Os exemplos (24) a (28) foram extraídos de Decat (1989, p. 118, 119).

Segundo Decat (1989), tal fato indica que os exemplos (27) e (28) mostram um fenômeno mais recente na língua, podendo tratar-se de uma possível mudança sintática.

Além disso, a autora investiga as condições que propiciaram essa mudança e considera que uma das forças internas condicionadoras das construções de tópico relaciona-se à presença de clíticos como co-referentes dessas construções em oposição aos poucos casos de não-clíticos encontrados nos cinco períodos examinados.

Essa presença, segundo hipótese da autora, constitui um ponto de diferença em relação às construções de tópico do Português atual, em que há maior ocorrência de não clíticos, pelo menos no Português oral. Além disso, supõe que tal diferença pode indicar uma oposição entre o português do Brasil e o Português de Portugal.

## **1.7 Estudos sobre a representação do sujeito no Português do Brasil e no Português Europeu**

Acreditamos que foi possível evidenciar, até o momento, que as análises sobre tópico estão ligadas às análises sobre sujeito, particularmente em relação à ordem canônica da sentença no Português: SV(O). Todos os estudos apresentados, até agora, analisaram essas duas construções seja para explicá-las ou para confrontá-las, com o intuito de mostrar se são usadas ou não com a mesma frequência.

Dessa forma, consideramos pertinente apresentar os estudos de Duarte (2003) e de Tarallo (1983) que procuram explicar as mudanças ocorridas na Língua Portuguesa, em relação a essas duas estruturas.

### **1.7.1 O estudo de Duarte (2003)**

O trabalho de Duarte (2003) sobre a evolução na representação do sujeito pronominal investigou a fala carioca em um período de 19 anos e é relevante para o nosso por investigar a possível implementação da mudança em direção à realização fonética do sujeito, bem como o encaixamento dessa mudança no sistema lingüístico. Isso está relacionado a uma das questões que pretendemos responder em nossa pesquisa: “A presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado?”

O estudo da autora mostra que diferentes trabalhos que têm analisado dados de língua oral e também da escrita têm revelado que o Português Brasileiro apresenta índices de preenchimento do sujeito pronominal em uma proporção bem maior que os apresentados pelo Espanhol, o Italiano e o Português Europeu.

Segundo Duarte (2003), de modo geral, o fato tem sido relacionado à simplificação ocorrida nos paradigmas flexionais do verbo, que contam com a mesma forma para a segunda e a terceira pessoas do singular e, com frequência cada vez maior, para a primeira do plural, devido ao crescente uso de “a gente” para substituir “nós”.

Além disso, associa pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Teoria de Princípios e Parâmetros. Da primeira vem o pressuposto de que toda mudança implica um período de variação capaz de ser sistematizado e, uma vez

implementada, produz reflexos e encaixamento no sistema lingüístico e social. Da segunda vem o próprio Parâmetro do Sujeito Nulo e os traços que caracterizam as línguas marcadas de forma positiva ou negativa em relação a esse parâmetro , de modo particular a omissão do sujeito pronominal em contextos não marcados por ênfase ou contraste.

Essa associação, segundo a autora, permite interpretar o Português Brasileiro em uma perspectiva inter-lingüística e diferenciar a variação que ocorre no nível superficial da variação que aponta mudança na gramática da língua.

A autora observou que o sujeito pleno, no Português do Brasil, ao contrário do que ocorre nas línguas de sujeito nulo, é a opção não marcada nos contextos sintáticos que foram examinados, como mostram os exemplos a seguir, em que (cv) representa a categoria vazia sujeito:

(29) “Vocês são muito jovens. Vocês acham que vocês podem mudar o mundo. (cv) Acham que tudo é fácil” (Lei80).<sup>30</sup>

(30) “*Meu marido* conhece o Brasil quase todo, porque *e/le* trabalhava no Instituto Nacional de Migração. Então *e/le* viajava muito. Ai, depois que *e/le* se aposentou, (cv) nunca mais viajou. Tanto que *e/le* ainda não foi lá na casa do meu filho. *E/le* ainda não foi lá. *E/le* conhece as Sete Quedas, *e/le* conhece Foz, (cv) conhece tudo, mas *e/le* nunca foi na casa do meu filho. Acho que *e/le* viajou tanto que agora (cv) não liga (Nad 80)”

A autora verificou que os percentuais de preenchimento do sujeito pronominal revelam uma estabilidade do fenômeno no intervalo de tempo que separou as amostras analisadas, sugerindo, talvez, que esse tempo fosse muito curto para observar o progresso de uma mudança morfossintática.

---

<sup>30</sup> Os exemplos (29) e (30) foram extraídos de Duarte ( 2003, p. 117).

No que se refere à atuação dos fatores estruturais, a análise permitiu, segundo a autora, identificar a importância da presença/ausência de elementos antes do sujeito pronominal para sua realização nula/ plena. Foi selecionada, nos dois estudos, a estrutura do sintagma complementizador (CP), posição na qual se encontram as palavras *qu-*, conforme (31a) e as conjunções subordinativas, conforme (31 b).

A autora observou que a presença de elementos nessa posição favorece o preenchimento, enquanto a ausência de elementos, conforme (31c, 31d) favorece o sujeito nulo, apesar de ser muito expressivo o percentual de realização fonética do pronome:

- (31) a- Foi uma reportagem que eu vi na televisão na época que eu via televisão (Mgl80).<sup>31</sup>
- b- *Ela* ganha bem, mas eu acho que ela devia ganhar mais porque ela merece (Dav80).
- c- *Minha esposa* trabalha na Embratel. \_\_\_\_ *Ela* fez segundo grau técnico em contabilidade. \_\_\_\_ Depois *ela* fez faculdade. \_\_\_\_ Hoje *ela* é técnico em contabilidade da Embratel (Dav80).
- d- *Eu* estava grávida da Cocódi, barrigão, sete, oito, nove meses \_\_\_\_ (cv) Pegava esses ônibus, Caxias, em pé. \_\_\_\_ (cv) Ia a Madureira... (cv) Tenho dois braços. *Eu* carregava seis sacolas (Eve80).

Duarte também investigou a existência/ausência de elementos adjuntos ao Sintagma Flexional (IP), evidenciando que a existência de elementos adjuntos ao sujeito, sejam eles resultado de topicalizações, conforme (32a), sejam eles adjuntos adverbiais, conforme (32b), favorece a expressão plena do sujeito pronominal. A ausência desses elementos, conforme (32c), (32d), por outro lado, favorece o sujeito nulo:

- (32) a- Minha avó gosta muito de se divertir, tomar a cerveja dela.  
Cerveja ela toma bastante (Lei80).<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> DUARTE, 2003, p. 120.

<sup>32</sup> Ibid., p.121.

- b- Agora *ele* deixou de ter amigo. Agora *ele* só tem um colega (Ale00).
- c- Meu marido? Bom, \_\_\_ *ele* faz tudo, sabe? \_\_\_ *Ele* já trabalhou na Socila, \_\_\_ (cv) já trabalhou no Hotel Sheraton...(Lei00).
- d- *Aí ele* foi pra França. \_\_\_ (cv) Botou o bicho pra voar. \_\_\_ (cv) Fez lá o balão (Fei00).

A autora concluiu que a presença de elementos à esquerda da oração favorece o preenchimento do sujeito e explica o fato. Como no sistema do PB, o número de flexões se encontra reduzido, é possível compreender que o licenciamento do sujeito nulo passe a depender das condições de referência. Isso significa que, quanto mais acessível for o referente, mais facilmente se licencia e se identifica o sujeito nulo.

Além disso, Duarte considera que a presença de elementos à esquerda do sujeito pode dificultar essa acessibilidade ao referente presente no contexto precedente. É isso que favorece a realização fonológica do sujeito.

A autora investigou, ainda, outro grupo de fatores: o que trata das condições estruturais de referência, com o referente sintaticamente não acessível como em (33), ou de antecedente em função que não seja a de sujeito, como a primeira ocorrência em (34), favorecendo o preenchimento.

- (33) Minha noiva era muito ciumenta. *Eu* ia pra faculdade, *ela* ia atrás de mim. *Eu* fiz curso de inglês, *ela* se matriculou também. *Eu* falava com alguém no telefone, *ela* logo queria saber quem era (Leo00)<sup>33</sup>.
- (34) A briga começou porque meu marido bateu no *meu sobrinho*. *Ele* estava batendo no cachorro. *Aí meu marido* não gostou porque *ele* gosta muito de bicho. (Lei00)

O que se pode evidenciar é que, numa língua de sujeito nulo, o preenchimento dos sujeitos, conforme (33) e do primeiro sujeito pronominal, conforme (34) é funcionalmente motivado. Porém, a segunda ocorrência de

---

<sup>33</sup> Os exemplos (33) e (34) foram extraídos de Duarte (2003, p. 125).



pronome no mesmo exemplo não é a forma natural numa língua de sujeito nulo: o sujeito da subordinada possui como antecedente o SN “meu marido”, sujeito da principal, podendo ser, então o referente. De acordo com a autora, este contexto, quase nulo nas línguas *pro drop*, a não ser para indicar ênfase, ainda é um ponto de resistência ao preenchimento do sujeito no Português do Brasil, apesar de a ocorrência de um pronome já ser uma opção natural, o que é sugestivo no processo da mudança.

Em relação ao encaixamento da mudança, Duarte (2003) observou que uma mudança em direção aos sujeitos de referência definida lexicalmente expressos não se efetivaria no sistema lingüístico sem deixar vestígios.

Nessa perspectiva, a autora mostra que, em outras análises, já foi observada a tendência pela realização dos sujeitos de referência indeterminada com formas pronominais nominativas, preferencialmente plenas, em detrimento do uso de “se” indeterminador/apassivador, ao contrário do que ocorre no Português Europeu, como podemos ver nos exemplos, a seguir, que ilustram as formas de indeterminação “você” e “tu” em (35), uma categoria vazia sem antecedente em (36), “a gente” em (37), “eles” em (38), “se” em (39) e “nós” em (40):

(35) *Você* tem que sair [...]. Tudo isso *você* tem que fazer, (cv) não pode parar assim. *Tu* não morreu, pô! (cv) Aposentou, mas *tu* ‘tá vivo, pô! (Jan 00)<sup>34</sup>

(36) (cv) Põe um pouquinho de ‘Só Alho’, aí (cv) põe óleo e (cv) põe um pouquinho de cebola, (cv) pica a cebola, (cv) *faz uma macarronada* (Eri 00).

(37) *A gente* tem que seguir o que *a gente* sabe e da forma que *a gente* foi criados (Leo 80).

(38) Às vezes pelo fato da pessoa ser nascido e criado em morro, *eles* acha que é tudo mau elemento (Isa 00).

(39) Normalmente na parte da manhã *se* faz melhor pescaria (Ago 80).

(40) Este semestre agora que *nós* tamos: trancado de novo. (cv) Estamos vivendo em um mundo de cão (Leo 00).

---

<sup>34</sup> Os exemplos (35) a (40) foram retirados de Duarte (2003, p. 124, 125).

De acordo com a autora, pode-se verificar a preferência dos falantes por formas nominativas de indeterminação preferencialmente preenchidas, exceto com relação à 3<sup>a</sup>. pessoa do plural (*e/les*) que ainda aparece com o pronome nulo.

Nos estudos de painel<sup>35</sup> e de tendência realizados pela autora, os sujeitos indeterminados chegam a 70% de preenchimento e a forma “você” aparece como a estratégia preferida para a indeterminação (45%), seguida por “a gente” (média de 20%) e as formas com a categoria vazia e a terceira pessoa do plural.

Outra evidência do encaixamento da mudança rumo aos sujeitos pronominais preenchidos observada pela autora é a ocorrência de sujeitos deslocados à esquerda (DE), uma estrutura que não é compatível com as línguas de sujeito nulo e bastante freqüente em Francês, língua de sujeito obrigatoriamente expresso.

Essas construções, apresentadas por Pontes desde o início dos anos 80 e também estudadas por outros, representam uma significativa evidência de encaixamento de mudança pela qual está passando o PB. Nas amostras estudadas, segundo Duarte (2003), há ocorrências de DE, com ou sem pausa, conforme os seguintes exemplos:

(41) **O Palmeiras, *ele*** é um time muito forte (And00).<sup>36</sup>

(42) **A minha vida *ela*** já foi mais tranqüila. Hoje ela é mais agitada (San 80).

Com ou sem elementos intervenientes:

(43) ***Eu*** [jamais] ***eu*** volto ali (Fat 00).

(44) **O meu mais velho**, [que é engenheiro], ***ele*** não gosta de estudar (Nad 00).

---

<sup>34</sup> De acordo com Duarte (2003, p. 117), o estudo de painel procurou observar o comportamento de cada indivíduo, nos dois momentos pesquisados, enquanto o estudo de tendência observou o comportamento da comunidade.

<sup>36</sup> Os exemplos (41) a (47) foram extraídos de Duarte (2003, p. 126)

(45) **Eu**, [quando eu retornei a Jacarepaguá.], **eu** vim assim numa situação bem difícil (Eve 80).

Retomando referentes definidos, como os anteriores, ou indefinidos e indeterminados:

(46) **Mulher nenhuma ela** pode querer dominar o homem. O homem ele é livre por natureza. A mulher ela tem que aceitar isso (Fla 00).

(47) Não é como o Rio de Janeiro, que **você** [em cada esquina] **você** tem um bar pra você lanchar (Nad 00).

Segundo a autora, do total de sujeitos preenchidos (definidos ou indeterminados) na década de 1980, 6% são construções com DE, e na década de 1990, 5%, o que significa não se poder falar em implementação de mudança no espaço de tempo considerado.

A autora conclui que, apesar de os estudos diacrônicos de Tarallo (1983) e Duarte (1993) apontarem uma trajetória de mudança no Português do Brasil em direção ao sujeito pronominal preenchido, os resultados de seu estudo mostram certa estabilidade no comportamento do indivíduo e da comunidade, no que se refere a esse processo no tempo pesquisado (19 anos). Mas, a autora encontra evidências do encaixamento da mudança, representadas em sua pesquisa pela preferência por formas pronominais plenas para a expressão do sujeito indeterminado e pelo uso de construções com sujeito deslocado à esquerda.

A autora conclui que tais estruturas, que não ocorrem em línguas de sujeito nulo, podem ser consideradas evidências do encaixamento da mudança paramétrica pela qual o Português do Brasil está passando.

### 1.7.2 A análise de Tarallo (1983)

Esta análise será apresentada de forma sucinta, com o objetivo de mostrar, principalmente, a representação do sujeito no Português falado no Brasil, e as principais diferenças sintáticas entre PB e PE.

Tarallo inicia seu trabalho salientando que a discussão sobre a possível origem crioula do PB deve ser realizada a partir do resgate de sua história tanto lingüística quanto social, sendo que esta última é sempre usada como evidência positiva em favor da hipótese crioula.

Em seu trabalho, Tarallo (1983, p. 35) afirma que atestar e/ou alegar uma origem crioula para o PB tem sido alvo de estudos que vão desde Francisco Adolpho Coelho (1880, 1882, 1886) até Guy (1981 a, 1981b).

Inicialmente, em 1880, Francisco Adolpho Coelho agrupou o PB com os crioulos afro-portugueses, todos eles definidos como dialetos do Português Europeu (PE).

Já em 1882, em *Notas Complementares* o assunto foi discutido pelo autor de forma mais extensiva e, em 1886 em *Novas Notas Complementares*, Coelho anuncia sua posição de que o PB não é mais degenerado do que o Português Europeu: “não se deve dizer que o brasileiro é um Português degenerado e tende a formar um dialeto; degenerados são ambos, e ambos se corrompendo, cada um a seu modo, e o PB sofrendo mudanças que o distanciam do alvo original”.

Guy (1981a), por sua vez, discute se o PB popular sofreu mudanças historicamente motivadas a partir do latim, ou, se, ao contrário, é o resultado de uma língua *pidgin* falada pelos escravos africanos trazidos para o Brasil nos anos de 1600, uma língua que está, agora, sofrendo descrioulização

Tarallo (1983), apesar de apresentar essas discussões, não aponta uma solução para o impasse, uma vez que, segundo o autor, o que se conhece até hoje

sobre a história do PB (tanto interna quanto externa) é insuficiente para se chegar a uma conclusão.

Dessa forma, Tarallo propõe que o PB seja descrito como uma língua mista: “uma língua que, absurda, inesperada e estranhamente, compartilha propriedades com línguas não relacionadas, quer crioulas ou não, e que está se distanciando do superestrato original – PE”<sup>37</sup>

Segundo o autor, crioulo ou não, o PB se presta a análises sintáticas, que vão contra a hipótese da descrioulização apresentada por Guy. E, do ponto de vista da história social, “o ônus da prova cabe ao defensor da origem crioula do PB, e não ao defensor de uma evolução lingüística natural para o PB popular.”<sup>38</sup>

A sua proposta, no artigo, então, é dupla. A primeira, apresentar duas mudanças em progresso interrelacionadas no PB, predizendo as direções futuras que elas poderão assumir, fazendo entender a gramática contemporânea de uma língua que se alega crioula. E a segunda, apresentar evidência crucial contra a hipótese da descrioulização.

Para atingir esse objetivo, Tarallo (1983) dá atenção especial à questão de determinar se a feição sintática do PB é uma consequência direta do latim, como acontece com o Português Europeu, ou se, ao contrário, é resultado do fato de que, no nosso território nacional, o Português Europeu foi misturado com línguas africanas nos anos de 1600.

Ressaltamos que não discutiremos essa questão. Deixaremos de lado a história social e nos concentraremos na apresentação de evidências de que PE e PB têm apresentado diferenças sintáticas, como já mostramos em seções anteriores.

---

<sup>37</sup> TARALLO, 1983, p. 38.

<sup>38</sup> Ibid., p. 39.

Assim, seguiremos sua análise que irá discutir os traços sintáticos que fazem parte do sistema anafórico geral, que estão presentes tanto no nível sentencial como no nível extra-sentencial, a saber: a relativização e a pronominalização no PB falado.

O autor investigou estratégias de relativização em PB, na variante falada na área urbana de São Paulo, apontando a hipótese de que o apagamento na relativização no PB não necessita de uma nova regra gramatical além da regra de movimento-qu, que é independentemente requerida para interrogativas. Baseia seu argumento no fato de que no Português do Brasil existe uma regra de pro-drop, isto é, de apagamento do sujeito, independentemente requerida. Além disso, de forma diferente da regra de pro-drop em outras línguas e dialetos românicos, incluindo o Português padrão escrito, essa regra, no PB falado, aplica-se em todas as posições sintáticas.

Essa primeira análise, segundo o autor, o levou à segunda: a pronominalização. Sintagmas não-qu em PB podem ser mantidos (anáfora pronominal) ou apagados (anáfora zero) em cláusulas principais e subordinadas não relativas.

Em sua pesquisa, o autor constatou que, no Português Brasileiro falado, o uso de pronomes resumptivos decresce da seguinte forma: de uma frequência muito alta com os genitivos, para razoavelmente alta com objetos indiretos e oblíquos, para um pouco mais baixa com sujeitos e para muito baixa com objetos diretos.

Outra constatação de Tarallo (1983) é a de que o paradigma pronominal da cláusula matriz no PB falado atualmente não é o mesmo que se encontra nas gramáticas do Português padrão. O autor verificou por meio de dados históricos, nos últimos 250 anos, que a reorganização da gramática do PB foi muito grande,

ênfatizando como importante, a inversão de ocorrência entre as posições de sujeito de objeto direto aproximadamente na segunda metade do século XIX. No século atual, a inversão entre sujeitos e outros argumentos continua. Os sujeitos são representados por pronomes em dois terços de tempo, e os objetos diminuíram para apenas 1 em cada 5, com diminuição dramática nos oblíquos, de acordo com a pesquisa realizada.

Na seqüência de seu trabalho, o autor procura estabelecer um paralelo entre o Tok Pisin (uma língua legitimamente crioula) e o PB. Segundo Tarallo (1983), conforme documentado em Sankoff (1977), apesar de a análise do preenchimento vs. não preenchimento de argumentos constituídos por SN terem apenas iniciado no Tok Pisin, dados sobre o aumento de pronomes sujeitos mostram que o paralelo entre as duas línguas é possível. E, estabelecendo esse paralelo entre elas, o que parece ficar claro para o autor é que o PB pode ter se crioualizado a qualquer momento de sua história, uma vez que sua feição sintática moderna possui muitos aspectos paralelos à gramática de crioulos legítimos.

#### **1.7.2.1 Diferenças sintáticas entre o Português do Brasil e o Português Europeu**

Segundo Tarallo (1983), em relação às diferenças sintáticas entre o PE e o PB, o que separa os dois dialetos não é só a assimetria encontrada nos dois sistemas, mas o fato de que o preenchimento vs. não preenchimento das posições argumentais são, em sua totalidade, assimétricos. O PB favorece o preenchimento da posição de sujeito em detrimento da posição de objeto, ao passo que o PE

favorece a retenção dos clíticos (objetos diretos preenchidos) à expensa dos sujeitos.

Além disso, Tarallo (1983, p.54 et seq.) apresenta outras diferenças, a saber: a) no caso de argumentos NP em posição de sujeito, a sintaxe do PB é mais rígida, mais orientada para a sentença, configuracionalmente introvertida, enquanto a sintaxe do PE é mais frouxa, mais orientada para o discurso; b) a alta freqüência de pronomes resumptivos e categorias vazias na posição de objeto direto estão presentes apenas no PB; c) no PB, é possível a ocorrência do pronome tônico nominativo “ele” ocupando a posição de objeto direto, tanto em cláusulas relativas quanto em principais; d) no PB como no Chinês, categorias vazias na posição de objeto direto não podem ser ligadas a um SN dentro da mesma cláusula, ao contrário de categorias vazias na posição de sujeito.

Apesar de o nosso trabalho não ter como objetivo comparar PB e PE, julgamos importante essa análise de Tarallo (1983), particularmente quanto à pronominalização, uma vez que investigamos, na fala uberlandense, uma estrutura de tópico *lato sensu*, que pode ter como termo co-indexado uma categoria vazia ou um pronome cópia /pronome demonstrativo.

## **1.8 Conclusão**

Neste capítulo, apresentamos os modelos teóricos nos quais nos baseamos para desenvolver nosso trabalho: A Sociolingüística Laboviana e a Harmonia Trans-sistêmica ou Sociolingüística Paramétrica, de Tarallo e Kato (1989).

Além disso, mostramos que a Gramática Tradicional brasileira, ao contrário da Gramática Portuguesa, não reconhece as construções de tópico no PB. Na



seqüência, fizemos a exposição dos estudos de Callou *et alii* (1993) e de Leite *et alii* (1996) que também investigaram o fenômeno analisado neste trabalho.

Finalmente, foram apresentados os estudos Duarte (2003) e de Tarallo (1989) sobre a representação do sujeito em nossa língua.

No capítulo seguinte, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a investigação do *corpus* que compõe esta pesquisa.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a investigação do *corpus* que compõe esta pesquisa, com o objetivo de comprovar e/ou negar as hipóteses que levantamos.

### 2.2 O *corpus* da pesquisa

O nosso campo de pesquisa se constituiu de um *corpus* de língua oral do Português do Brasil (PB), tomando como referência a língua falada na cidade de Uberlândia, MG, num total de 2565 dados codificados.

Os sujeitos da pesquisa foram 45 informantes adultos de ambos os sexos, nascidos nesta cidade ou que nela chegaram na infância. Esses informantes foram divididos em três grupos: o primeiro envolvendo pessoas de 20 a 30 anos, o segundo, pessoas de 31 a 45 anos, e o terceiro composto por aqueles com idade acima de 45 anos, conforme Anexo 1.

A composição dos grupos de idade baseou-se em Labov (2001), adaptada à realidade brasileira. O autor considera que

Divisions of the age continuum into groups must be roughly consonant with life stages. In modern American society, these events are alignment to the pre-adolescent peer group (8-9), membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of the secondary schooling and orientation to the wider world of work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family life

(20-29), full engagement in the work force and family responsibilities (30—59), retirements (60s)<sup>39</sup>.(LABOV, 2001, p. 101)

Outro fator considerado para selecionar os informantes foi a classe social: classe alta (A), classe média (B) e classe baixa (C).

Para fazermos essa classificação, utilizamos o “Critério Brasil”, que tem como finalidade medir o poder aquisitivo do consumidor. Esse critério propõe que a divisão da população brasileira em classe social seja estabelecida tomando como base o grau de escolaridade e a posse de bens de consumo duráveis dos chefes de família. O quadro que pesquisa o grau de escolaridade tem cinco itens e o que investiga a posse de bens de consumo, dez. Às respostas corresponde um valor numérico e os pontos obtidos permitem o encaixamento do indivíduo em classes sociais diferentes.

Faz-se necessário ressaltar que, embora o Critério Brasil faça a estratificação da população brasileira em cinco classes (A, B, C, D e E), com as duas primeiras subdivididas em A1 e A2, B1 e B2, fizemos a opção, neste trabalho, de amalgamar as classe A1 e A2 em A, B1 e B2 em B e C e em C, conforme Anexo 2.

Para a seleção dos informantes da comunidade de Uberlândia, preparamos um questionário (Anexo 3), conforme proposto pelo critério Brasil, e o distribuímos aleatoriamente. Em seguida, fizemos a seleção dos informantes, de acordo com sua classe social e faixa etária.

As questões propostas no roteiro de entrevista (conforme Anexo 4) foram formuladas de modo a possibilitar que os entrevistados falassem de assuntos do

---

<sup>39</sup> Divisões em grupos de um continuum de idade devem ser consoantes, de modo aproximado, com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com: grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos de pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos de adolescentes (13-16), Ensino Médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início de emprego regular e constituição de família (20-29), total engajamento no mundo do trabalho e responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 em diante). (Tradução nossa)

cotidiano de forma espontânea, emitindo opiniões, fazendo suposições, argumentando e refletindo sobre as questões levantadas, o que, muitas vezes, fez com que eles se emocionassem e se despreocupassem por completo com a presença do gravador e/ou do entrevistador, usando o “Vernáculo” que legitima a pesquisa sociolinguística numa determinada comunidade.

As entrevistas tiveram a duração média de 50 minutos e a transcrição dos textos foi realizada integralmente. Conforme orientações de Tarallo (1986), em algumas entrevistas desprezamos os quinze minutos iniciais e os finais, para que os minutos iniciais, nos quais o entrevistado ainda não estava tão à vontade, não influenciassem o uso ou não das estruturas de tópico. E, para darmos representatividade aos dados coletados, foram selecionados cinco informantes para cada fator extralinguístico: classe social e idade.

Para fazermos a estatística dos dados coletados, utilizamos alguns programas do Pacote Varbrul (SANKOFF, 1988), fundamentais para a análise variacionista. Por meio dele podemos obter porcentagens, que nos levam à confecção de gráficos, os quais nos permitem analisar os grupos de fatores propostos em função de uma variável dependente.

## **2.3 Hipóteses**

Neste trabalho, foram investigadas as seguintes hipóteses:

### **Hipótese geral**

- A presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado.

## **Hipóteses específicas**

- As estruturas com tópico ocorrem na mesma freqüência das estruturas com sujeito, no Português falado no Brasil.
- O termo co-indexado a TOP mais recorrente em PB é uma categoria vazia.
- O tipo de construção de tópico (CT) mais usado na fala brasileira é TOP.
- As construções de tópico *lato sensu* aparecem com maior freqüência na classe média.
- O uso do tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos.

## **1.6 Objetivos**

Tendo em vista as hipóteses levantadas, este trabalho tem os seguintes objetivos:

### **Objetivo geral**

- Verificar se a presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado.

### **Objetivos específicos**

- Investigar se as estruturas com tópico ocorrem na mesma frequência das estruturas com sujeito.
- Verificar se o termo co-indexado a TOP mais recorrente no PB é uma categoria vazia.
- Investigar se o tipo de construção de tópico (CT) mais usado no PB é TOP.
- Verificar se as construções de tópico *lato sensu* ocorrem com maior frequência na classe média.
- Investigar se o uso do tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos.

## 1.7 O envelope de variação

O envelope de variação de nossa pesquisa foi composto por fatores lingüísticos e não-lingüísticos, seguindo os pressupostos teóricos da Sociolingüística Quantitativa.

### Variável dependente

1 – presença de construções de tópico *lato sensu*

0 - ausência de construções de tópico *lato sensu*

Exs:

1- **O ser humano**, e/e precisa de muita ajuda. (RACS-665-11)<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Os códigos apresentados nos exemplos deste capítulo e do capítulo 3 são referentes à identificação dada aos informantes da nossa pesquisa. As letras correspondem às iniciais do nome e do sobrenome do entrevistado, enquanto os algarismos mostram o número da ocorrência e da fita gravada, respectivamente. Vide Anexo 1.

0- Meu pai era um homem trabalhador. (FPB-115-3)

## Grupos de fatores

### Termo co-referente ao tópico *lato sensu*

- a) o termo co-indexado é um pronome cópia/ pronome demonstrativo
- b) o termo co-indexado é uma categoria vazia ( $\emptyset$ )
- c) o termo co-indexado é a repetição da mesma expressão
- d) o termo co-indexado é substituição da expressão equivalente
- /) não se aplica

Exs.:

a- **Meu irmão**, *ele* começou a se virar e a crescer...(AMO-626-10)

b- ...**a parte espiritual**, ele acabou deixando  $\emptyset$  de lado. (HTC-1153-20)

c- **Cada um**, como toda família, *cada um* pensa diferente da maneira do outro. (FAZ - 1094-19)

d- **A gente**...você mal conhece o cara e ele passa a mão...(AMO-589-10)

## Tipo de estrutura

- e) SV(O)
- f) TOP SV(O)
- g) (S) VO
- h) TOP SV

- i) VS
- j) TOP VS
- k) Adj. SV(O)
- l) Adj. TOP SV(O)
- /) não se aplica

Exs.:

- e- Ah, eu ia pedi uma vida melhor...(FAM289-5)
- f- **Esse jovem**, *e/le* conseguiu desestruturar toda, todo o relacionamento de família, todo o elo de família. (FAS-1111-19)
- g- Tenho três filhos. (AARS-3-1)
- h- **Eu e minha irmã**, *a gente* brincava muito... (AS-106-2)
- i- ... foi em 95 o casamento dele. (WS-1566-20)
- j- ...**as igrejas**, acabou demais *as igrejas*, lá...(IMG-1079-18)
- k- Ontem, eu assisti um filme muito bonito. (TRM-438-8)
- l- Se suicidou, [agora, **as causas**, eu pelo menos não tomei conhecimento]. (HTC-1167-20)

### **Tipos de construções de tópico (CTs) *lato sensu***

- m) TOP
- n) DE
- o) Adj. sem cabeça
- /) não se aplica

Exs.:

- m- **Natação** eu sempre fiz, desde de...de muitos anos. (TRM-442-8)
- n- **O sócio do meu patrão**, *e/le* é engenheiro...(AMO-640-10)



o- **As novela**...eles assim...procuram passar alguma coisa da realidade, o homossexualismo... (NAS-1345-23)

### **Classes sociais**

- p) classe alta
- q) classe média
- r) classe baixa

### **Faixa etária**

- s) 20 a 30 anos
- t) 31 a 45 anos
- u) acima de 45 anos

Finalmente, é necessário esclarecer que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo, Kato et alii 1989, p. 38-39, a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera (...) ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano (...), decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente: (...).

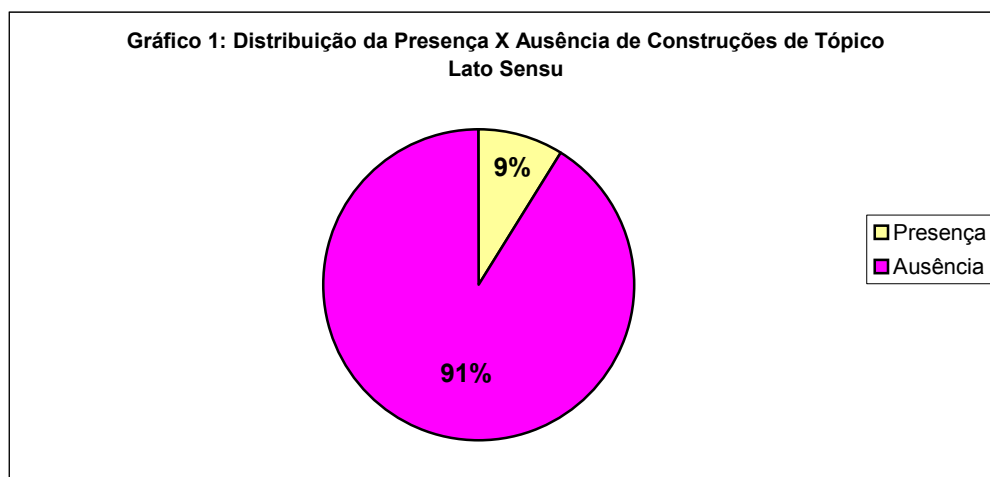
### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos após o cruzamento da variável dependente com os grupos de fatores estabelecidos no capítulo anterior.

Para facilitar essa descrição, fizemos a opção por dividi-la em duas partes. Primeiramente, fornecemos uma visão geral da presença x ausência das construções de tópico<sup>41</sup> no PB, tomando como recorte a fala uberlandense. E, na seqüência, por itens, o cruzamento dos fatores apresentados no envelope de variação.

#### 3.2 Ocorrência geral da presença X ausência de construções de tópico *lato sensu*



<sup>41</sup> Julgamos importante lembrar que, em nossa análise, consideramos como tópico o constituinte deslocado à esquerda da sentença, e que investigamos uma estrutura de tópico *lato sensu*, conforme Callou *et alii* (1993).

O Gráfico 1 apresenta uma visão geral da presença x ausência das construções de tópico *lato sensu*, no recorte pesquisado, isto é, na fala uberlandense, objetivando apresentar a distribuição da amostra e contrapor a ocorrência das duas variantes.

Assim, analisando os 2565 dados obtidos, verificamos que o fenômeno investigado representou 9% das ocorrências, ao passo que as estruturas com sujeito representaram 91%.

Essa diferença na ocorrência das duas variantes vem de encontro à afirmação de Pontes (1987) de que o PB é uma língua de proeminência de tópico<sup>42</sup>.

Embora as construções tanto de TOP quanto de DE existam no inglês na classificação de Li e Thompson, essa língua é uma língua de proeminência de sujeito e não de tópico como o chinês e o japonês. Comparando o português do Brasil a essas línguas orientais, Pontes (1987) concluiu que nossa língua é uma língua de proeminência de tópico. (CALLOU *et alii*, 1993, p. 318).

Os resultados obtidos, de acordo com o *corpus* investigado, parecem mais favoráveis a uma inferência de que o PB é uma língua que admite o uso do tópico, uma vez que as estruturas com sujeito foram significativamente mais freqüentes.

### **3.3 Análise do cruzamento<sup>43</sup> dos grupos de fatores relacionados às construções de tópico *lato sensu***

---

<sup>42</sup> As línguas de proeminência de sujeito (Li e Thompson, 1976) estabelecem a predicação principal da sentença através da relação sujeito/predicado. Nas de proeminência de tópico, por outro lado, a predicação se dá através da relação entre um constituinte tópico e uma sentença (o comentário). (LEITE *et alii*, 1996, p. 321).

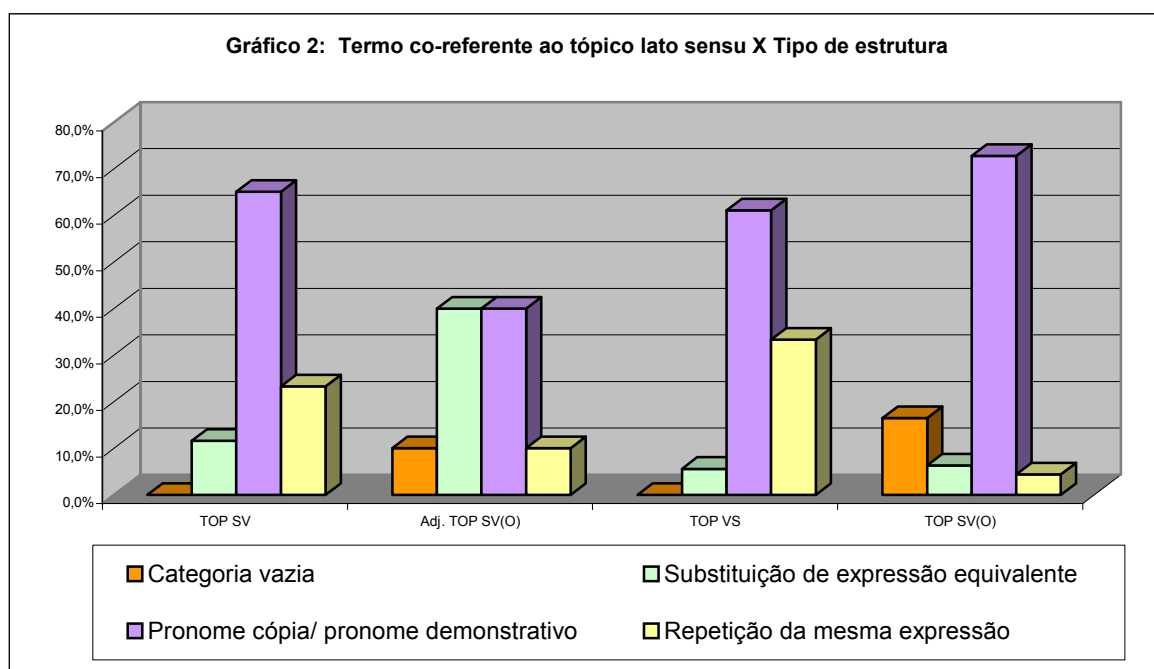
Faz-se oportuno destacar, entretanto, que não analisamos o tópico nessa perspectiva; investigamos o tópico sintático.

<sup>43</sup> Cada gráfico apresentado neste capítulo possui uma tabela correspondente, conforme Anexo 5.

Esta seção foi subdividida de acordo com os gráficos confeccionados para apresentação e discussão dos resultados obtidos nos cruzamentos realizados para investigar as ocorrências das construções com tópicos.

### 3.3.1 Termo co-referente ao tópicos *lato sensu* X Tipo de estrutura

No Gráfico 2, a seguir, analisamos o cruzamento do termo co-referente ao tópicos *lato sensu* x tipo de estrutura.



A primeira evidência revelada no Gráfico 2 é que a categoria vazia não foi indexada a TOP SV e a TOP VS, o que pode ser explicado pelo fato de o verbo das estruturas ser intransitivo e por não termos encontrado, no *corpus* investigado, estruturas com tópicos nas quais o sujeito não tenha sido lexicalizado.

Mas, analisando os outros termos co-referentes a TOP SV, percebemos que a substituição de uma expressão equivalente foi indexada à estrutura em 11,6% das

ocorrências, o pronome cópia/pronome demonstrativo em 65,1% e a repetição da mesma expressão em 23,3%.

Esses dados revelaram que o termo co-indexado a TOP SV mais freqüente foi o pronome cópia/pronome demonstrativo, com uma diferença de 53,5% e 41,8% em relação à substituição de expressão equivalente e repetição da mesma expressão, respectivamente.

Ainda a respeito de TOP SV, os dados mostraram que, apesar de não ser significativa, existe uma diferença de 11,7% na freqüência da repetição da mesma expressão em relação à substituição de expressão equivalente.

Quanto a TOP VS, o pronome cópia/pronome demonstrativo foi empregado em 61,1% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente em 5,6% e a repetição da mesma expressão em 33,3%.

Esses dados evidenciaram que, assim como ocorreu em TOP SV, em TOP VS o termo de indexação mais empregado foi o pronome cópia/pronome demonstrativo, com uma diferença significativa em relação à substituição de expressão equivalente de 55,5% e de 27,8% em relação à repetição da mesma expressão.

Percebemos ainda, em TOP VS, que a diferença entre a co-referência por meio de repetição da mesma expressão também foi significativa em relação à co-referência por substituição da expressão equivalente: 27,7%.

Já em relação ao Adj. TOP SV(O), percebemos que a co-referência de uma categoria vazia e a co-referência de repetição da mesma expressão representaram, igualmente, 10% das ocorrências, enquanto o pronome cópia/pronome demonstrativo e a substituição da mesma expressão representaram 40%.

Portanto, em Adj. TOP SV(O), a co-referência de pronome cópia/pronome demonstrativo e substituição da expressão equivalente foi 30% mais produtiva do que a co-referência de uma categoria vazia e repetição da mesma expressão.

O Gráfico 2 também revelou que, em relação a TOP SV(O), a categoria vazia foi indexada à estrutura em 16,5% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente em 6,3%, o pronome cópia/pronome demonstrativo em 72,8% e a repetição da mesma expressão em 4,4%. Desta forma, notamos que não houve diferença significativa entre co-indexação de uma categoria vazia e substituição de expressão equivalente, apenas 10,2%. A diferença também não foi significativa entre uma categoria vazia e repetição da mesma expressão: 12,1%. Mas, por outro lado, em TOP SV(O), foi significativa a diferença da co-referência de pronome cópia/pronome demonstrativo em relação aos outros termos: 56,3% na categoria vazia, 66,5% na substituição de expressão equivalente e 68,4% na repetição da mesma expressão.

Isso posto, ficou evidente, no Gráfico 2, que o termo co-referente mais empregado nas estruturas foi o pronome cópia/pronome demonstrativo: 65,1% em TOP SV, 61,1% em TOP VS e 72,8% em TOP SV(O), salientando que em Adj. TOP SV(O), a co-referência de substituição de expressão equivalente foi tão freqüente quanto o pronome cópia/pronome demonstrativo: 40%.

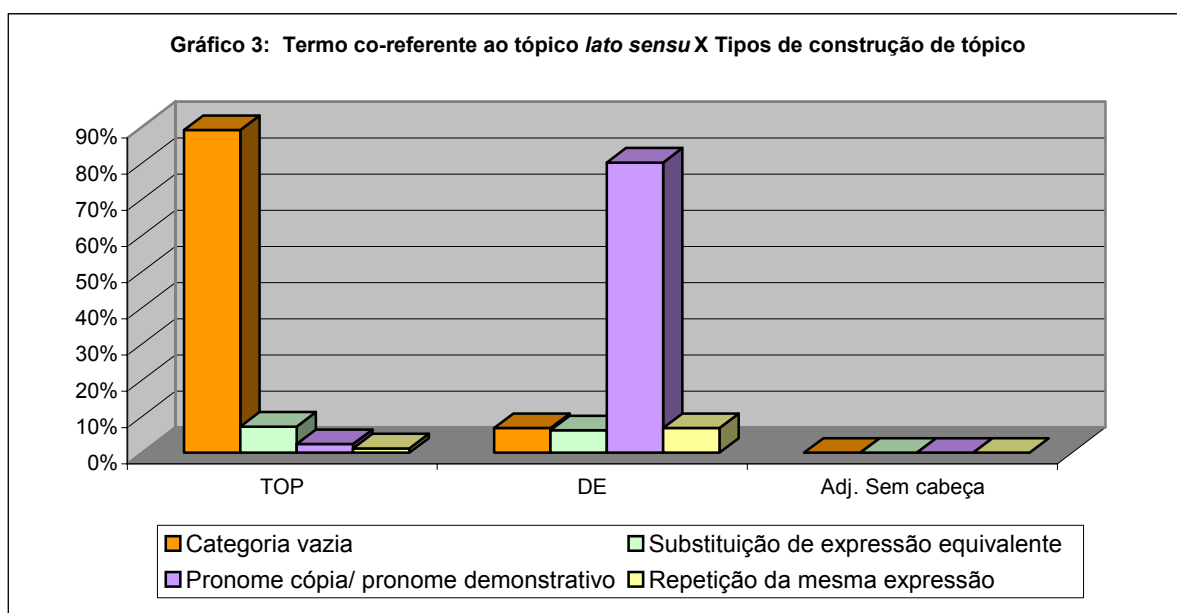
### **3.3.2. Termo co-referente ao tópico *lato sensu* X Tipos de construção de tópico**

Apesar de termos considerado como objeto de investigação uma estrutura de tópico *lato sensu*, conforme Callou *et alii* (1993), analisamos, separadamente, as construções denominadas “Topicalização (TOP)”, “Deslocamento à Esquerda (DE)”

e “Adjuntos sem cabeça”, para observar a ocorrência de cada uma dessas construções na língua falada dentro do recorte proposto.

Além disso, ressaltamos que nossa análise se restringiu às orações matrizes, diferentemente dos autores supracitados, que observaram, também, as orações subordinadas.

Feitos esses esclarecimentos, passamos à análise do Gráfico 3, que mostra, o cruzamento do termo co-referente ao tópico *lato sensu* x tipos de construção de tópico.



Analisando TOP, notamos que a categoria vazia representou 89,2% das ocorrências, enquanto a co-indexação de substituição de expressão equivalente representou 7,2%, de pronome cópia/pronome demonstrativo, 2,4%, e de repetição da mesma expressão, 1,2%.

Assim, comparando os resultados obtidos em TOP, ficou evidente que a co-indexação de uma categoria vazia é a mais produtiva, porque a diferença no

emprego dessa categoria em relação à substituição de expressão equivalente foi de 82%, em relação ao pronome cópia/ pronome demonstrativo, de 86,8% e em relação à repetição da mesma expressão, de 88%.

Essa constatação confirma a nossa hipótese de que, em TOP, o termo de co-referência mais recorrente é uma categoria vazia.

Além disso, percebemos, nos dados obtidos, que a co-indexação da categoria vazia a TOP se estabeleceu, principalmente, com o argumento interno, conforme o seguinte exemplo:

(48) **A estatura**, eu não sei  $\emptyset$  muito bem não... (FPB-132-3)

Quanto ao DE, a co-indexação de pronome cópia/pronome demonstrativo representou 80,2% das ocorrências. Já a co-indexação de uma categoria vazia e de repetição da mesma expressão foi empregada em 6,8% das ocorrências e a co-referência de substituição de expressão equivalente em 6,2%.

Comparando esses percentuais, percebemos que, em DE, a diferença na ocorrência da co-indexação do pronome cópia/pronome demonstrativo em relação à categoria vazia e à repetição da mesma expressão foi de 73,4% e em relação à substituição de expressão equivalente, de 74%. Portanto, o pronome cópia/pronome demonstrativo foi o mais produtivo nesse tipo de construção de tópico *lato sensu*.

Mas, fazendo a comparação dos percentuais obtidos na ocorrência dos outros termos, percebemos que não houve diferença significativa. A diferença percentual entre a categoria vazia / repetição da mesma expressão e a substituição de expressão equivalente foi de apenas 0,6%.



Ao contrário do que ocorreu em relação a TOP, percebemos, no *copus* investigado, que o argumento externo do verbo foi o termo mais indexado a DE, conforme (49):

(49) **Minha mãe**, *ela* tem problema de cabeça. (AMO-623-10)

Esses resultados a respeito da posição sintática do elemento co-indexado a TOP e DE têm relação com as constatações feitas desde os primeiros estudos a respeito das construções de tópico.

A diferença entre essas duas construções está na possibilidade de vinculação do SN externo a uma categoria vazia ou a um elemento pronominal no interior da sentença que o segue. No primeiro caso convencionou-se chamar o fenômeno de Topicalização (TOP) e, no segundo, de Deslocamento à Esquerda (DE)... (CALLOU *et alii*, 1993, p. 315).

Além disso, aproximam-se das constatações feitas por Callou *et alii* (1993), conforme podemos observar na seguinte tabela, já apresentada no referencial teórico desta dissertação:

TABELA 1

	Sujeito	Complemento	não indexado
TOP	24%	46%	30%
DE	87%	13%	0%

FONTE: CALLOU *et alii*, 1993, p. 324

Quanto ao Adjunto sem cabeça, isto é, locativo topicalizado não regido por preposição, por sua função sintática “acessória”<sup>44</sup>, não apresenta nenhum termo da sentença co-indexado a ele (0%). E, Leite *et alii* (1996, p. 334) em seu estudo lingüístico, explicam que

Os tópicos sem cabeça podem ter a função semântica I) de tema do nome, cancelando-se a preposição **de** (O comércio brasileiro...eu não chego a ter idéia); II) lugar onde/por onde (Paris, eu não pago hotel; A BR 101, não precisa ir a Campos, casos em que se cancelam as preposições **em** e **por**, respectivamente).

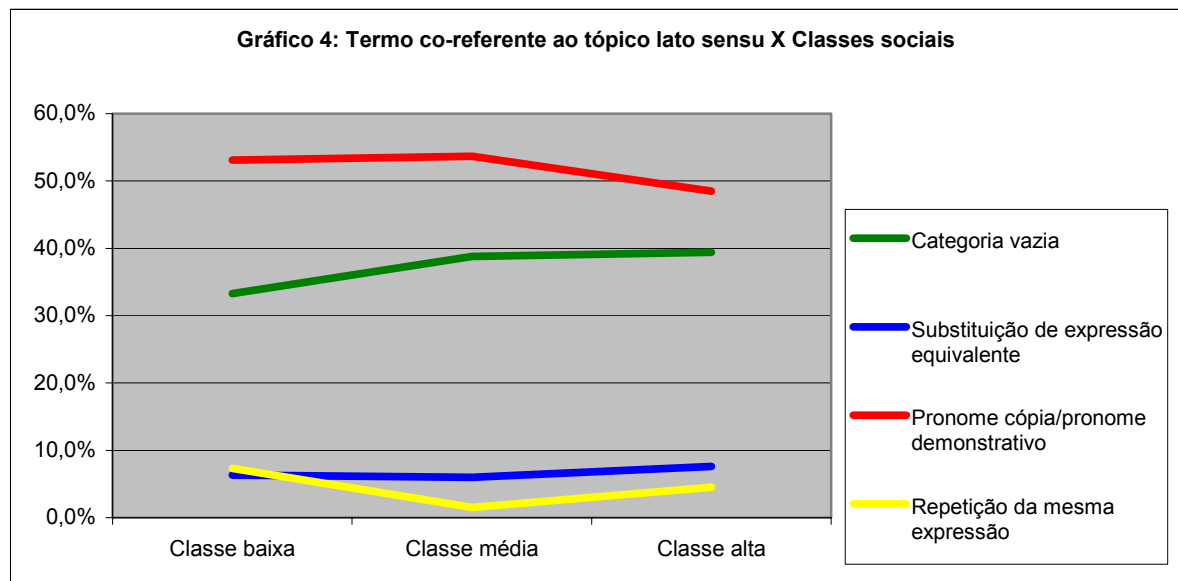
### 3.3.3 Termo co-referente ao tópico *lato sensu* X Classes sociais

Como mencionamos no capítulo 1 desta dissertação, uma das tarefas da Sociolingüística consiste em mostrar a co-variação entre os fenômenos lingüísticos e sociais, procurando estabelecer entre eles uma relação de causa e efeito.

Nessa perspectiva, o Gráfico 4 apresenta o cruzamento entre o termo co-referente ao tópico *lato sensu* x classes sociais.

---

<sup>44</sup> De acordo com a Gramática Tradicional, “chamam-se acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação”. (CUNHA, 1979, p. 158).



De acordo com o gráfico, notamos que, na classe baixa, o termo co-referente ao tópico *lato sensu* denominado categoria vazia foi empregado em 33,3% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente em 6,3%, o pronome substantivo/pronome demonstrativo em 53,1% e a repetição da mesma expressão em 7,3%.

E, comparando esses dados, o Gráfico 4 evidenciou, na classe baixa, uma semelhança nos resultados obtidos em relação à co-referência de repetição da mesma expressão e substituição de expressão equivalente, pois a diferença entre elas foi de apenas 1%. Por outro lado, percebemos que a indexação do pronome cópia/pronome demonstrativo foi maior em relação à categoria vazia em 19,8 pontos percentuais.

Na classe baixa, também é significativa a diferença na ocorrência da categoria vazia em relação à substituição de expressão equivalente e repetição da mesma expressão: 27% e 26%, respectivamente.

Observando a classe média, percebemos que a categoria vazia foi empregada em 38,8% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente em

6%, o pronome cópia/pronome demonstrativo em 53,7% e a repetição da mesma expressão em 1,5%.

Comparando esses dados da classe média, verificamos que a diferença entre a co-referência de uma categoria vazia e a co-referência de substituição de expressão equivalente foi de 32,8% e entre a categoria vazia e a repetição da mesma expressão, de 37,3%. Quanto ao pronome cópia/pronome demonstrativo, a diferença na sua ocorrência em relação à categoria vazia foi de 14,9% , 47,7% em relação à substituição de expressão equivalente e 52,2% em relação à repetição da mesma expressão.

No que se refere à classe alta, a categoria vazia representou 39,4% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente, 7,6%, o pronome cópia/pronome demonstrativo, 48,5%, e a repetição da mesma expressão, 4,5%.

Assim, a diferença em relação à co-indexação do pronome cópia/ pronome demonstrativo e a categoria vazia não foi significativa, apenas 9,1%. Percebemos também, nesta classe, que a co-referência de substituição de expressão equivalente e co-referência de repetição da mesma expressão apresentaram uma semelhança no resultado : uma diferença de apenas 3,1%.

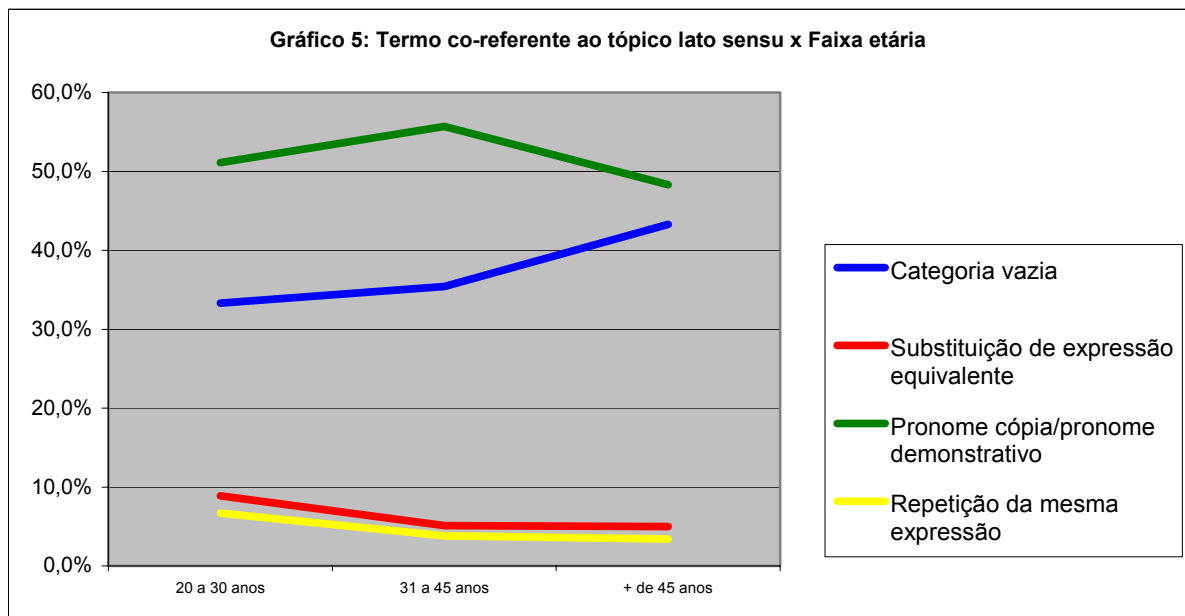
Enfim, os resultados obtidos no cruzamento do termo co-referente ao tópico *lato sensu* X classes sociais apontaram que o índice de emprego da co-referência do pronome cópia/pronome demonstrativo foi o mais alto, em todas as classes sociais, com resultados aproximados: 53,1% na classe baixa, 53,7 na classe média e 48,5% na classe alta, revelando a tendência de preenchimento de categorias vazias no Português do Brasil , especialmente do sujeito, conforme Duarte (2003).

Diferentes trabalhos com base em dados de língua oral e na escrita de cartas ou de peças de teatro popular têm mostrado que o Português do Brasil apresenta índices de

preenchimento do sujeito pronominal bem superiores aos apresentados pelas chamadas línguas românicas de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e a variedade europeia do português. (DUARTE, 2003, p. 115).

### 3.3.4 Termo co-referente ao tópico *lato sensu* X Faixa etária

O Gráfico 5 mostra o cruzamento do termo co-referente ao tópico *lato sensu* x faixa etária. Vejamos:



Esse gráfico revela que, na faixa etária de 20 a 30 anos, a co-referência ao tópico *lato sensu* por meio de uma categoria vazia representou 33,3% das ocorrências. Já a substituição de expressão equivalente representou 8,9%, o pronome cópia/pronome demonstrativo, 51,1% e a repetição da mesma expressão, 6,7%.

No segundo grupo etário, a categoria vazia foi co-indexada ao tópico *lato sensu* em 35,4% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente em 5,1%,

o pronome cópia/pronome demonstrativo em 55,7%, e a repetição da mesma expressão em 3,8%.

No grupo acima de 45 anos, a categoria vazia representou 43,3% das ocorrências, a substituição de expressão equivalente 5%, o pronome cópia/ pronome demonstrativo, 48,3%, e a repetição da mesma expressão, 3,4%.

Feita essa descrição, comparamos a ocorrência dos termos co-referentes ao tópico *lato sensu* entre os mais jovens e percebemos uma semelhança nos resultados obtidos em relação à substituição de expressão equivalente e repetição da mesma expressão, pois a diferença da primeira em relação à segunda foi de apenas 2,2%. Neste grupo, percebemos que o pronome cópia/ pronome demonstrativo foi mais produtivo em relação à categoria vazia com uma diferença de 17,8% e em relação à substituição de expressão equivalente e repetição da mesma expressão, com uma diferença de 42,2% e 44,4%, respectivamente.

No grupo intermediário, o pronome cópia/pronome demonstrativo também ocorreu com maior frequência, apresentando uma diferença de 20,3% em relação à categoria vazia, de 50,6% em relação à substituição de expressão equivalente e de 51,9% em relação à repetição da mesma expressão.

Entre os entrevistados acima de 45 anos, o pronome cópia/pronome demonstrativo foi o mais empregado. Porém, o que nos chamou a atenção, nesse grupo, foi a convergência dos resultados desse termo e da categoria vazia. A diferença na ocorrência dos dois não foi significativa: apenas 5% , diferentemente do que ocorreu no grupo de 20 a 30 anos e de 31 a 45, nos quais a diferença foi de 17,8% e 20,3%, respectivamente.

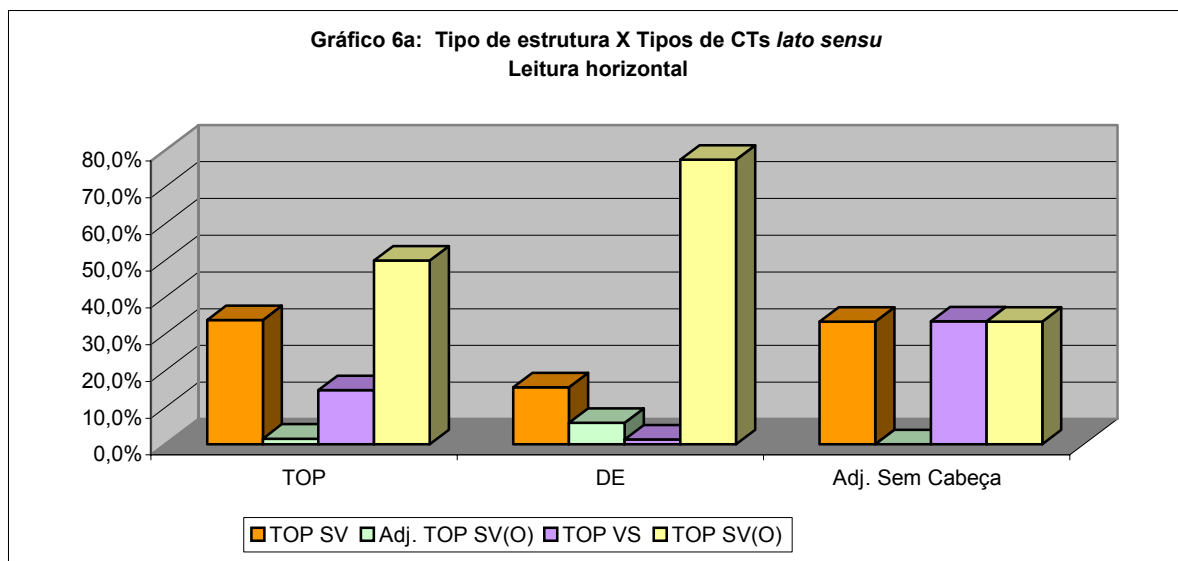
Resumindo, percebemos que, no Gráfico 5, o pronome cópia/pronome demonstrativo foi o termo mais produtivo nas duas primeiras faixas etárias: 51,1%

entre os mais jovens, 55,7% na faixa intermediária. Porém, entre os entrevistados acima de 45 anos, apesar de o pronome cópia/pronome demonstrativo ter tido o índice mais alto de ocorrência, sua diferença em relação à categoria vazia não foi relevante: apenas 5%.

Finalmente, relacionando esse resultado com o obtido no Gráfico 4, no qual o pronome cópia/pronome demonstrativo foi, também, o termo co-referente mais freqüente em todas as classes sociais, a constatação de que o PB caminha para o preenchimento de categorias vazias parece se confirmar na amostra investigada.

### 3.3.5 Tipo de estrutura X Tipos de CTs *lato sensu*

Os resultados obtidos no cruzamento referente ao Tipo de estrutura X Tipos de CTs serão apresentados por meio de uma leitura horizontal (Gráfico 6a) e vertical (Gráfico 6b).



O Gráfico 6a mostra que, em TOP, a estrutura TOP SV representou 38,8% das ocorrências, o Adj. TOP SV(O), 1,5%, TOP VS, 14,7%, e Top SV(O), 50%.

Assim, percebemos que a estrutura TOP SV mostrou-se mais produtiva em relação ao Adj. TOP SV(O) com uma diferença de 32,3% e em relação a TOP VS com uma diferença de 19,1%. Mas, quando comparamos o resultado obtido em TOP SV com o obtido em TOP SV(O), percebemos que esta estrutura foi mais produtiva, pois a diferença entre elas foi de 16,2%. Portanto, no geral, a estrutura mais recorrente em relação a TOP foi TOP SV(O).

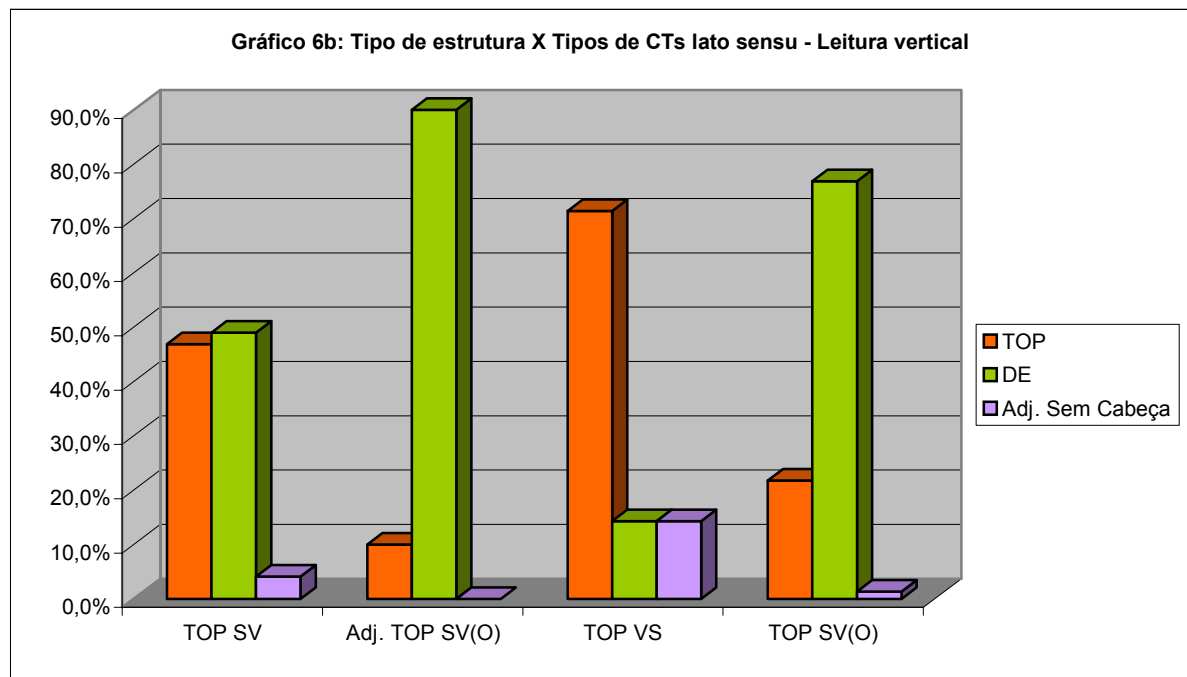
No que se refere ao DE, TOP SV representou 15,5% das ocorrências; o Adj. TOP SV(O), 5,8 %; TOP VS, 1,3% e TOP SV(O), 77,4%, revelando que, em DE, assim como percebemos em TOP, a estrutura TOP SV(O) foi a mais empregada. A diferença de TOP SV(O) em relação a TOP VS foi de 76,1%, em relação ao Adj. TOP SV(O) foi de 71,6% e em relação a TOP SV, de 61,9%.

Em relação ao Adj. sem cabeça, TOP SV e TOP SV(O) foram empregados em 33,3% das ocorrências, TOP VS, em 33,4%, e o Adj. TOP SV(O) não foi empregado (0%).

Quanto ao Adj. sem cabeça x tipo de estrutura, o resultado foi o mesmo em relação TOP SV e TOP SV(O) , 33,3% e a diferença entre a ocorrência dessas estruturas e TOP VS foi mínima: apenas 0,1%.

Em outra perspectiva, o Gráfico 6b mostra de que maneira a construção de tópico *lato sensu* se comporta em relação ao total das ocorrências de cada estrutura.





Dentro do total das ocorrências de TOP VS, percebemos que a construção TOP representou 46,9% das ocorrências, DE, 49%, e o Adj. sem cabeça, 4,1%, enquanto na estrutura Adj. TOP SV(O), TOP foi empregada em 10% das ocorrências, DE em 90% e o Adj. sem cabeça não foi empregado (0%).

Quanto a TOP VS, percebemos um índice de 71,4% de ocorrências de TOP e de 14,3% de DE e Adj. sem cabeça.

Finalmente, observando o total de ocorrências da estrutura TOP SV(O), TOP foi empregado em 21,8% , DE em 76,9% e o Adj. sem cabeça em 1,3%.

Dessa forma, observamos que em TOP SV, a diferença na frequência entre DE e TOP não foi significativa, apenas 2,1%, ao passo que entre DE e Adj. sem cabeça, a diferença foi significativa: 44,9%. Além disso, a diferença entre TOP e Adj. sem cabeça também foi relevante: 42,8%.

Em Adj. TOP SV(O) assim como ocorreu em TOP SV, DE foi mais produtivo que TOP, com uma diferença de 80%. Mas, analisando o total referente a TOP VS,

percebemos, ao contrário do que ocorreu anteriormente, que TOP foi mais freqüente do que DE e Adj. sem cabeça em 57,1% das ocorrências.

Enfim, observando o total de ocorrências da estrutura TOP SV(O), DE foi mais produtivo em relação a TOP com uma diferença de 55,1%, e sobre o Adj. sem cabeça, de 75,6%.

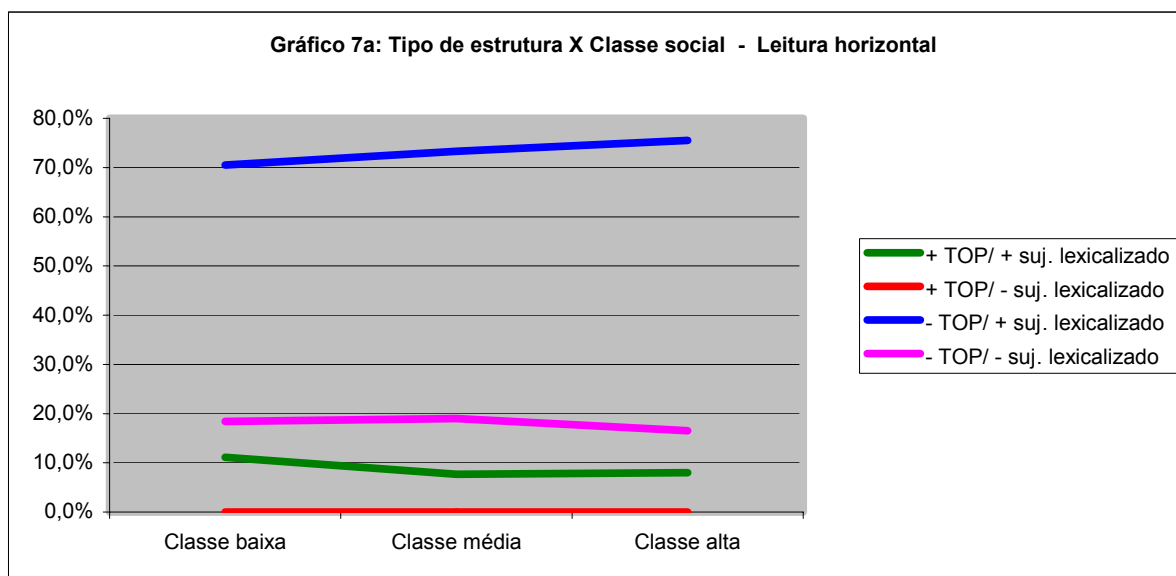
Assim, de maneira geral, o Gráfico 6b revelou que, em estruturas que possuem argumento interno e externo co-indexados ao tópico, Adj. TOP SV(O) e TOP SV(O), DE foi a construção de tópico de maior freqüência e o Adj. sem cabeça de menor, salientando que, em Adj. TOP SV(O), o Adj. sem cabeça sequer foi empregado.

Ressaltamos, ainda, que o Adj. sem cabeça, mesmo sendo uma construção mais rara na língua, de acordo com a amostra pesquisada, foi mais representativa em TOP SV e TOP VS do que em TOP SV(O), além de não ter sido empregada em Adj. TOP SV(O), como já mencionamos.

### **3.3.6 Tipo de estrutura X Classe social**

Antes de passarmos à apresentação dos Gráficos 7a, 7b, 8a e 8b é importante fazer dois esclarecimentos. O primeiro é que os tipos de estrutura analisados nestes gráficos são estruturas com tópico e estruturas com sujeito. O segundo é que amalgamamos as estruturas com tópico, uma vez que já foram analisadas, detalhadamente, nos gráficos anteriores. Amalgamamos, também, as estruturas com sujeito, porque estas foram pesquisadas apenas como parâmetro para investigarmos se ocorrem na mesma freqüência que as estruturas com tópico, que, por sua vez, podem favorecer a ocorrência de sujeito lexicalizado.

Nesse sentido, o Gráfico 7a apresentará o cruzamento do Tipo de estrutura x Classe social, por meio de uma leitura horizontal.



Observando o cruzamento supracitado, o Gráfico 7 a mostra que, na classe baixa, a estrutura +TOP/+suj. lexicalizado representou 11,1% das ocorrências, +TOP/-suj. lexicalizado não foi empregada, enquanto -TOP/+suj. lexicalizado representou 70,5% de frequência e -TOP/-suj. lexicalizado, 18,4%. Portanto, percebemos que, na classe baixa, quando comparada às outras, a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado foi a mais produtiva: 59,4% em relação a +TOP/+suj. lexicalizado, 52,1% em relação a -TOP/-suj. lexicalizado.

Porém, quando comparamos a ocorrência de -TOP/-suj. lexicalizado e de +TOP/ +suj. lexicalizado, a diferença não se mostrou significativa, apenas 7,3% de -TOP/-suj. lexicalizado em relação a +TOP/+suj. lexicalizado.

Na classe média, a estrutura +TOP/-suj. lexicalizado também não foi empregada e +TOP/+suj. lexicalizado representou 7,7% das ocorrências. Já a estrutura -TOP/ +suj. lexicalizado foi empregada em 73,3% das ocorrências e -TOP/-

suj. lexicalizado, em 19%. Assim, a diferença no emprego de -TOP/+suj. lexicalizado em relação a +TOP/+suj. lexicalizado foi de 65,6% e em relação a -TOP/-suj. lexicalizado, de 54,3%. Como na classe baixa, na classe média não houve diferença significativa entre -TOP/-suj. lexicalizado e +TOP/+suj. lexicalizado: apenas 11,3%.

Na classe alta, a estrutura +TOP/-suj. lexicalizado não foi empregada, enquanto +TOP/+suj. lexicalizado representou 8% das ocorrências, -TOP/+suj. lexicalizado, 75,5% e -TOP/-suj. lexicalizado, 16,5%.

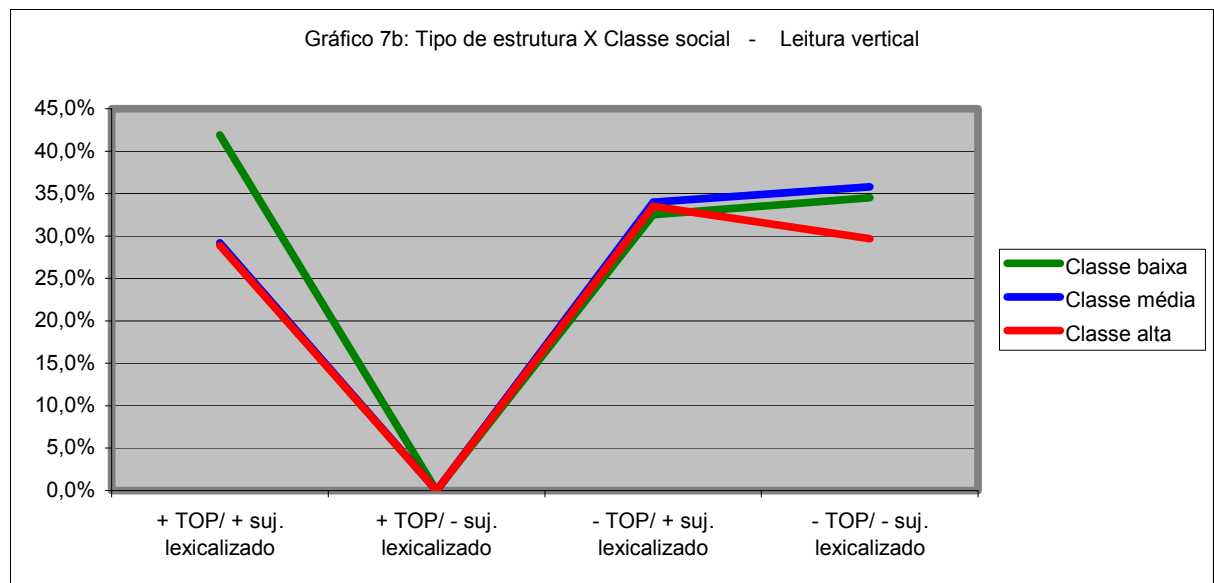
Assim, na classe A, a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado também foi a mais produtiva: 67,5% em relação a +TOP/+suj. lexicalizado, e 59% no que se refere a -TOP/-suj. lexicalizado. Não houve diferença significativa entre -TOP/-suj. lexicalizado e +TOP/-suj. lexicalizado: apenas 8,5%.

O Gráfico 7a mostra, de acordo com os dados, que a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado foi a mais produtiva, em cada uma das classes sociais. Esse gráfico revela, ainda, que, nas três classes, quando as estruturas com tópico foram empregadas, houve lexicalização do sujeito, uma vez que a estrutura +TOP/-suj. lexicalizado não foi empregada nas entrevistas que compuseram o nosso *corpus* de investigação.

Essa constatação confirma a hipótese principal aventada neste trabalho: A presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado.

Percebemos, também, que a diferença entre -TOP/+suj. lexicalizado e -TOP/-suj. lexicalizado, em cada classe, revela a tendência de lexicalização do sujeito, no PB, mesmo quando há ausência de tópico na sentença.

A seguir, o Gráfico 7b apresenta a ocorrência das estruturas supracitadas por meio de uma leitura vertical.



Do total de +TOP/+suj. lexicalizado, a estrutura foi empregada em 41,9% das ocorrências na classe baixa; 29,2% na classe média e 28,9% na classe alta.

Quanto a +TOP/-suj. lexicalizado, percebemos que a estrutura não foi empregada. Já -TOP/+suj. lexicalizado representou 32,5% das ocorrências na classe baixa, 34% na classe média e 33,5% na classe alta. Finalmente, -TOP/-suj. lexicalizado representou 34,5% das ocorrências na classe baixa, 35,8% na classe média e 29,7% na classe alta.

Dessa forma, comparando os resultados do tipo de estrutura x classe social, verificamos que não houve diferença significativa no emprego de +TOP/+suj. lexicalizado nas três classes sociais: 12,7% entre a classe baixa e média e 13% entre a classe baixa e alta. Entre a classe média e a classe baixa, a diferença também foi insignificante: 0,3%.

Ressaltamos, ainda, que essa constatação não nos permitiu confirmar a hipótese de que as construções com tópico aparecem com maior frequência na classe média, pois, dentro do recorte proposto, não houve uma diferença

significativa no emprego da estrutura +TOP/+suj. lexicalizado em relação às classes sociais.

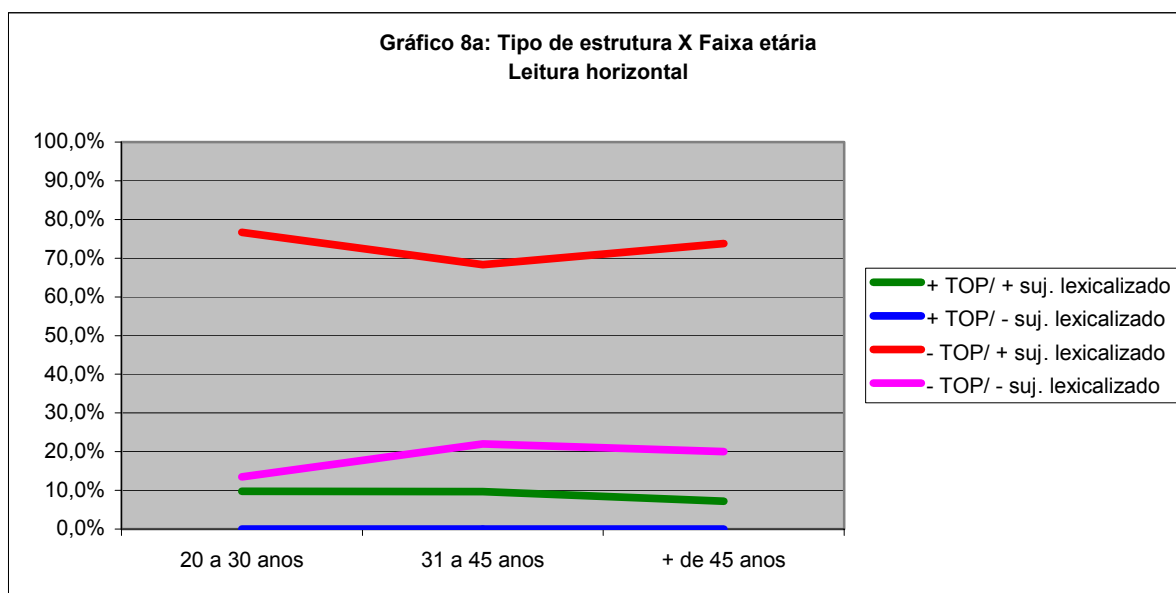
Quanto ao emprego de -TOP/+suj. lexicalizado, a diferença das ocorrências na classe média em relação à classe baixa foi de apenas 1,5% e, em relação à alta, de 0,5%.

E, comparando o que ocorreu em cada classe em relação a -TOP/-suj. lexicalizado, a diferença não foi relevante. Nesta estrutura, entre as classes média e baixa a diferença foi de 1,3% e, entre as classes média e alta, de 6,1%.

Dessa forma, no que diz respeito ao cruzamento de Tipo de estrutura x Classe social, o Gráfico 7b mostrou que cada estrutura pesquisada foi empregada nas classes A, B e C com índices aproximados.

### 3.3.7 Tipo de estrutura x Faixa etária

O Gráfico 8a apresenta uma leitura horizontal do cruzamento do tipo de estrutura x faixa etária.



A primeira evidência observada no Gráfico 8a é que a estrutura +TOP/-suj. lexicalizado não foi empregada em nenhum grupo etário. Em seguida, percebemos que, entre os informantes de 20 a 30 anos, a estrutura +TOP/+suj. lexicalizado representou 9,8% das ocorrências, -TOP/+suj. lexicalizado, 76,7% e -TOP/-suj. lexicalizado, 13,5%.

No segundo grupo etário, +TOP/+suj. lexicalizado foi empregado em 9,7% das ocorrências, -TOP/+suj. lexicalizado em 68,3% e -TOP/-suj. lexicalizado, em 22%, enquanto no terceiro grupo, +TOP/+suj. lexicalizado representou 7,2% das ocorrências, -TOP/+suj. lexicalizado, 73,8% e -TOP/-suj. lexicalizado, 19%.

De acordo com esses dados, percebemos que no grupo de 20 a 30 anos, a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado foi a mais produtiva, com uma diferença significativa de 63,2% em relação a -TOP/-suj. lexicalizado e 66,9% em relação a +TOP/+suj. lexicalizado.

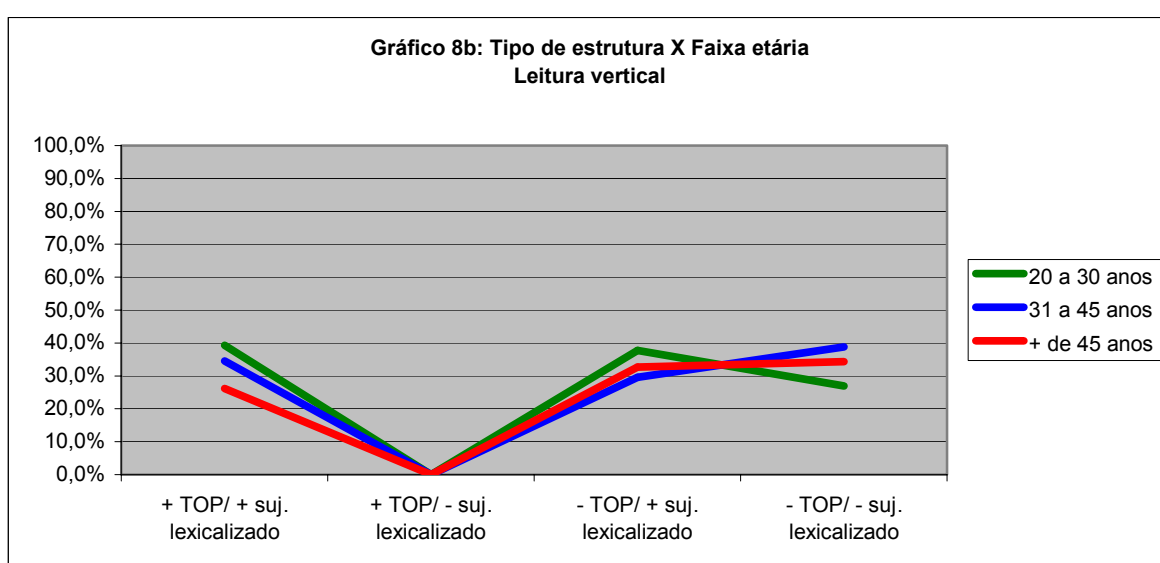
Ademais, o Gráfico 8a mostrou que no grupo de 31 a 45 anos, -TOP/+suj. lexicalizado foi mais empregado do que -TOP/-suj. lexicalizado com uma diferença de 46,3% em relação a -TOP/-suj. lexicalizado e de 58,6% em relação a +TOP/+suj. lexicalizado.

No grupo acima de 45 anos, a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado também foi a mais produtiva. Houve uma diferença de 54,8% em relação a -TOP/-suj. lexicalizado e 66,6% em relação a +TOP/+suj. lexicalizado.

De acordo com as diferenças apresentadas, ficou evidente que, em todas as faixas etárias, nas estruturas com ausência de tópico, -TOP/+suj. lexicalizado foi mais freqüente do que -TOP/-suj. lexicalizado, o que parece reiterar a constatação que já fizemos anteriormente: em PB, há uma tendência de lexicalização do sujeito mesmo em construções com ausência de tópico.

O Gráfico 8a evidenciou também que, em cada uma das faixas etárias, a presença de tópico favoreceu o uso de sujeito lexicalizado, pois a estrutura +TOP/-sujeito lexicalizado não foi empregada, o que também nos conduz à confirmação da hipótese principal deste trabalho.

O Gráfico 8b mostra uma análise vertical dos dados relativos ao cruzamento do Tipo de estrutura x Faixa etária.



Como já constatamos no Gráfico 8a, a estrutura +TOP/-suj. lexicalizado não foi empregada no *corpus* investigado.

Por outro lado, percebemos que do total de dados obtidos em +TOP/+suj. lexicalizado x faixa etária, no grupo de 20 a 30 anos, essa estrutura foi empregada em 39,3% das ocorrências. No segundo grupo, em 34,5% e no terceiro, em 26,2%, revelando, então, que não houve diferenças significativas entre um grupo etário e outro, na estrutura +TOP/+suj. lexicalizado.

Quanto a -TOP/+suj. lexicalizado, no primeiro grupo etário a estrutura foi empregada em 37,7% das ocorrências. No segundo grupo, em 29,6% e no terceiro,



em 32,7%. Assim como ocorreu com a estrutura -TOP/-subj. lexicalizado, em -TOP/+subj. lexicalizado, as diferenças entre uma faixa etária e outra foram insignificantes.

No que se refere à estrutura -TOP/-subj. lexicalizado, 26,9% ocorreram no grupo de 20 a 30 anos, 38,8% na faixa etária de 31 a 45 anos e 34,3% entre os informantes de mais de 45 anos. Também nesta estrutura, constatamos que as diferenças não foram significativas.

Assim, de acordo com a diferença obtida na análise dos resultados, não confirmamos a hipótese de que o tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos. Percebemos, sim, com exceção de +TOP/-subj. lexicalizado - estrutura não empregada no *corpus* - uma estabilidade nos resultados referentes à análise do total de dados obtidos de cada estrutura x faixa etária.

Observando os Gráficos 8a e 8b, o resultado geral parece similar ao encontrado por Duarte (2003), no trabalho em que a autora investigou a representação do sujeito pronominal em dois tempos, por meio do estudo de Painel e de Tendência<sup>45</sup>.

Em seu trabalho, Duarte constatou, tanto no que se refere ao indivíduo quanto no que se refere à comunidade, uma estabilidade e semelhança no comportamento dos diferentes grupos etários em relação ao preenchimento do sujeito, conforme podemos observar, a seguir.

Foi possível encontrar em ambos os estudos as evidências de *encaixamento*, ou “efeitos colaterais” da mudança, aqui representadas pela preferência por formas pronominais plenas para a expressão do sujeito indeterminado e pelo uso consistente de construções com o sujeito deslocado à esquerda. Tais estruturas, que não ocorrem em línguas de sujeito nulo, são consideradas

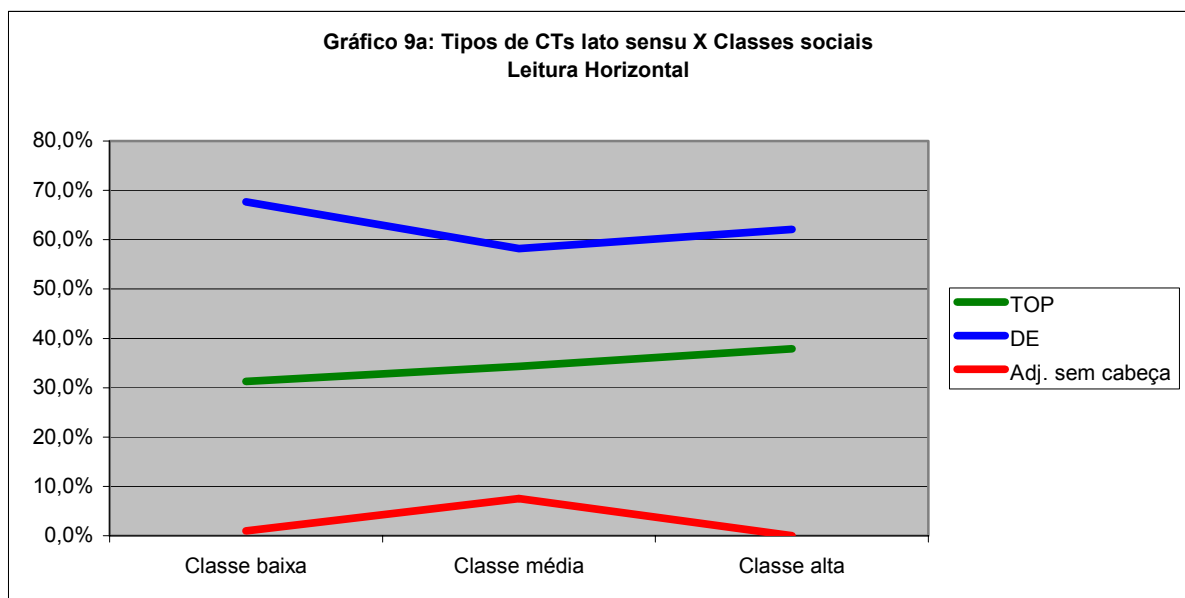
---

<sup>45</sup> Esse estudo, como mencionamos no referencial teórico deste trabalho, foi feito por meio de uma pesquisa desenvolvida no intervalo de tempo de 19 anos que separa as amostras realizadas, investigando tanto o indivíduo (estudo de painel) quanto a comunidade (estudo de tendência), em diferentes faixas etárias.

evidências do encaixamento da mudança paramétrica por que passa o Português do Brasil. (DUARTE, 2003, p. 128).

### 3.3.8 Tipos de CTs *lato sensu* X Classes sociais

O Gráfico 9a apresenta a ocorrência dos tipos de construções de tópico *lato sensu* em cada classe social.



Assim, na classe baixa, TOP representou 31,3% das ocorrências, enquanto DE representou 67,7% e o Adjunto sem cabeça, 1%. Na classe média, TOP foi empregado em 34,3% das ocorrências, DE em 58,2% e o Adj. sem cabeça em 7,5%. Finalmente, na classe alta, TOP teve a frequência de 37,9%, DE de 62,1% e o Adj. sem cabeça não foi empregado.

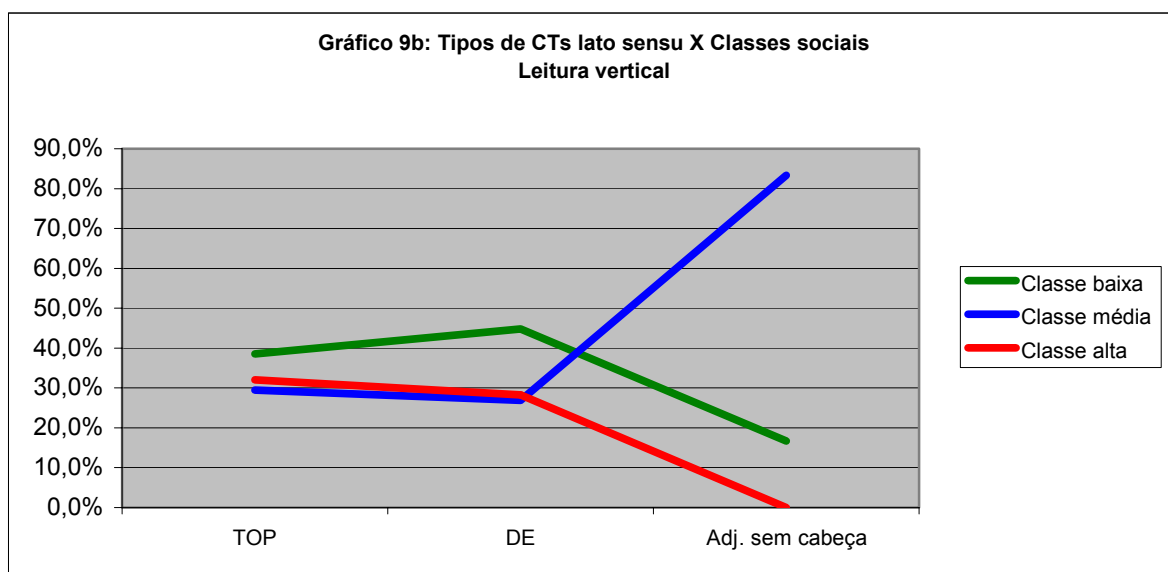
Esse resultado revela que DE foi a construção de tópico mais empregada em cada uma das classes sociais. Na classe baixa, a diferença de sua ocorrência em

relação a TOP foi de 36,4% e em relação ao Adj. sem cabeça, de 66,7%. Na classe média, DE foi mais produtivo em relação a TOP com a diferença de 23,9% e em relação ao Adj. sem cabeça, de 50,7%.

No que se refere à classe alta, o Adj. sem cabeça não foi empregado e DE foi mais produtivo do que TOP com uma diferença de 24,2%.

Esse resultado, de acordo com a amostra investigada, refuta a nossa hipótese de que TOP é o tipo de CT mais empregado em PB, pois ficou constatado que DE foi a construção mais produtiva em todas as classes sociais.

Para ampliar nossa análise, apresentamos a leitura vertical dos dados, conforme o Gráfico 9b.



Do total das ocorrências de TOP, a construção, na classe baixa, representou 38,5% das ocorrências, 29,5% na classe média e 32% na classe alta, mostrando que TOP ocorreu de maneira aproximada nas três classes sociais, visto que as diferenças entre uma classe e outra, nesta construção, foram insignificantes: 9%

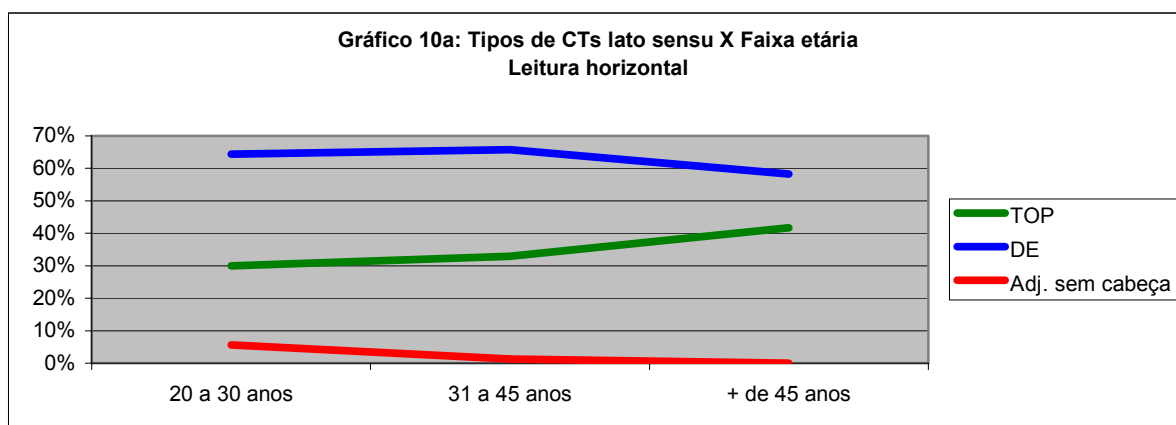
entre a classe baixa e a classe média e 6,5% entre a classe baixa e a classe alta. Da classe média para a alta, a diferença foi de apenas 2,5%.

Analisando o total de dados de DE, percebemos que a construção foi recorrente em 44,8% das ocorrências na classe baixa, 26,9% na classe média e 28,3% na classe alta. Portanto, a diferença de ocorrências de DE entre uma classe e outra revelou que a construção é mais produtiva na classe baixa. Houve uma diferença de 17,9% entre as classes C e B e de 16,5% entre as classes C e A. Não houve diferença significativa da ocorrência de DE na classe alta em relação à classe média: apenas 1,4%.

Já em relação ao Adj. sem cabeça, a construção representou 16,7% das ocorrências na classe baixa, 83,3% na classe média e não foi empregada na classe alta, apontando que esta construção de tópico foi mais produtiva na classe média do que na classe baixa, com um diferença de 66,6%.

### 3.3.9 Tipos de CTs *lato sensu* X Faixa etária

O Gráfico 10a apresenta o cruzamento dos tipos de estrutura de tópico *lato sensu* x Faixa etária, por meio de uma leitura horizontal.



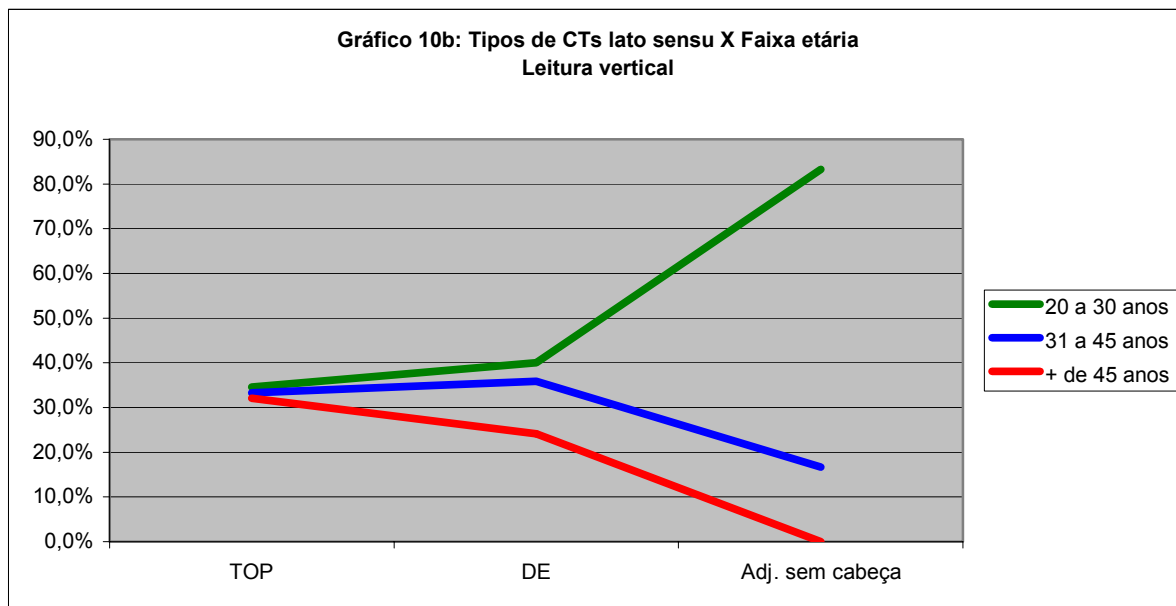
De acordo com o Gráfico 10a, o emprego de TOP na faixa etária de 20 a 30 anos atingiu o percentual de 30% das ocorrências, ao passo que DE ocorreu num percentual de 64,4% e o Adj. sem cabeça, em 5,6%. Percebemos, portanto, entre os mais jovens, que DE foi a construção de tópico *lato sensu* mais produtiva, com uma diferença de 34,4% em relação a TOP e 58,8% em relação ao Adj. sem cabeça.

Na faixa etária intermediária, TOP representou 32,9% das ocorrências, DE, 65,8% e o Adj. sem cabeça, 1,3%, mostrando que, no segundo grupo, DE também foi a construção mais empregada: 32,9% a mais do que TOP e 64,5% a mais do que o Adj. sem cabeça.

No grupo acima de 45 anos, TOP foi empregado em 41,7% das ocorrências, DE em 58,3 e o Adj. sem cabeça não foi empregado. Assim, neste grupo, DE foi 16,6% mais produtivo do que TOP.

Dessa forma, a análise do Gráfico 10a mostrou que DE foi a construção de tópico *lato sensu* mais empregada em cada uma das faixas etárias, evidenciando mais uma vez, a tendência de preenchimento de categorias vazias, no Português do Brasil.

Em uma leitura vertical, o Gráfico 10b mostra-nos o comportamento das faixas etárias dentro do total de dados referentes a cada tipo de construção de tópico *lato sensu*.



Assim, do total dos dados referentes a TOP, 34,6% ocorreram na faixa etária de 20 a 30 anos; 33,3% no segundo grupo etário e 32,1% no terceiro. Percebemos, então, que, de um grupo para outro, não houve uma diferença significativa: apenas 1,3% e 2,5% a mais no primeiro do que no segundo e no terceiro, respectivamente.

Em relação ao DE, entre os falantes de 20 a 30 anos, a construção representou 40% das ocorrências. No grupo intermediário, 35,9% e no grupo de + de 45 anos, 24,1%.

Esse resultado revelou que DE, apesar de ter sido mais freqüente no primeiro grupo etário, não apresentou diferença significativa em relação ao segundo: 4,1%. Já em relação ao terceiro, a diferença foi significativa: 15,9%.

Quanto ao Adj. sem cabeça, a construção foi empregada entre os mais jovens em 83,3% das ocorrências. Na faixa etária intermediária em 16,7%, e não foi empregada entre os informantes acima de 45 anos. Assim, em relação ao Adj. sem cabeça, é interessante ressaltar que Decat (1989) apontou o seguinte exemplo como recente na língua:

(50) **Essa casa** bate bastante sol. (PONTES, 1987, p. 34)

De acordo com a autora,

no *corpus* diacrônico examinado não houve nenhuma ocorrência de construção de tópico do tipo (50). Tal fato parece indicar tratar-se de um fenômeno mais recente na língua caracterizando-se como uma possível mudança sintática. (DECAT, 1989, p. 119).

Uma vez apresentada a análise e discussão dos dados encontrados em nossa pesquisa, o próximo capítulo apresentará as considerações finais a respeito do fenômeno investigado.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, investigamos as construções de tópico *lato sensu* no Português Brasileiro, tomando como recorte a língua falada na cidade de Uberlândia, MG.

Assim, averiguamos a presença x ausência das construções de tópico em um *corpus* constituído de 2565 entrevistas, com o objetivo de responder às questões apresentadas na introdução desta dissertação: A presença de tópico favorece a ocorrência de sujeito lexicalizado? As estruturas com tópico ocorrem na mesma frequência das estruturas com sujeito? O termo co-indexado a TOP mais recorrente em PB é uma categoria vazia? O tipo de construção de tópico mais usado no PB é TOP? As construções com tópico aparecem com maior frequência na classe média? O uso do tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos?

A resposta a essas e a outras questões nelas imbricadas podem ser resgatadas aqui a partir das análises feitas no capítulo anterior.

Tendo em vista que a presença de tópico representou 9% das ocorrências x 91% de ausência, nossa hipótese de que as construções com tópico ocorrem na mesma frequência das construções com sujeito foi refutada.

Essa diferença percentual de 82% na ocorrência de ausência em relação a presença das construções de tópico levou-nos a concluir, tomando como referência o *corpus* de pesquisa, que o PB, embora admita o emprego de tópico, não é uma língua de proeminência de tópico como afirmou Pontes (1987). Ademais, a estrutura -TOP/+suj. lexicalizado foi a mais produtiva em cada uma das classes sociais e das faixas etárias, conforme análise dos Gráficos 7a e 8a.



Contudo, os resultados comprovaram nossa hipótese geral de que o uso do tópico favorece o uso do sujeito lexicalizado, uma vez que a estrutura +TOP/-sujeito lexicalizado não foi empregada por nenhum entrevistado, o que parece estar de acordo com o que vem sendo apontado em estudos lingüísticos sobre a tendência de PB em perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo.

As análises intra-lingüísticas do português (cf. Kato e Tarallo, 1986; Lira, 1982, 1986) têm revelado que na variante falada no Brasil, pelo menos, o sujeito é preferencialmente preenchido. (TARALLO; KATO, 1989, p.31).

No que se refere ao emprego de uma categoria vazia como mais produtiva na co-referência a TOP, confirmamos a hipótese, conforme podemos observar nos dados contidos na Tabela 3 (Anexo 5) a seguir.

**TABELA 3**

Termo co-referente ao tópico X Tipos de construção de tópico

Termo co-referente ao tópico lato sensu Tipo de CTs lato sensu	Categoria Vazia		Substituição de expressão equivalente		Pronome Cópia/pronome demonstrativo		Repetição da mesma expressão		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOP	74	89,2	6	7,2	2	2,4	1	1,2	83	100
DE	10	6,8	9	6,2	117	80,2	10	6,8	146	100
Adj. Sem cabeça	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Mas quanto a TOP ser a construção de tópico mais freqüente em PB, não nos foi possível confirmar. De acordo com os dados obtidos na pesquisa, DE foi mais freqüente do que TOP e Adj. sem cabeça.

Na classe baixa, a diferença no emprego DE em relação a TOP foi de 36,4% e em relação ao Adj. sem cabeça, de 66,7%. Na classe média, DE ocorreu 23,9% a mais do que TOP e 51,2% a mais do que o Adj. sem cabeça. Já na classe alta, o Adj. sem cabeça não foi empregado e a diferença de DE em relação a TOP foi de 24,2%.

Observando cada faixa etária, conforme Tabela 10a (Anexo 5), a seguir, percebemos que os dados também evidenciam que, de acordo com a faixa etária, o Deslocamento à Esquerda é a construção de tópico *lato sensu* mais freqüente em PB.

**TABELA 10 a**

Tipos de CTs lato sensu X Faixa etária

Tipos de CTs Lato sensu Classes sociais	TOP		DE		Adj. sem cabeça		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	27	30	58	64,4	5	5,6	90	100
31 a 45 anos	26	32,9	52	65,8	1	1,3	79	100
+ de 45 anos	25	41,7	35	58,3	0	0	60	100

Atribuimos esse resultado à tendência de preenchimento de categorias vazias, no Português Brasileiro, como já mencionamos.

O resultados apresentados na análise não nos permitiram confirmar, também, as hipóteses relacionadas aos fatores extralingüísticos: A construções com tópico são mais freqüentes na classe média e o uso das construções com tópico é mais comum na faixa etária de 20 a 30 anos.

A análise não apresentou estratificação por classe social. Apesar de as estruturas com tópico terem sido mais freqüentes na classe baixa, a diferença não foi significativa: apenas 12,7% em relação à classe média e 13% em relação à classe alta.

Quanto ao fator idade, observação semelhante aconteceu. Tais estruturas foram mais empregadas entre os mais jovens, mas a diferença percentual em relação à faixa intermediária e acima de 45 anos, de 4,8 pontos e de 13,1 pontos, respectivamente, não foi significativa.

Finalizando, ficou evidente que o fenômeno investigado neste trabalho configurou-se como uma variação lingüística e que, além disso, parece estar em curso, no Português Brasileiro, um processo de lexicalização do sujeito, independentemente do tipo de estrutura empregado: se de tópico ou de sujeito.

Acreditamos que a importância de se registrar as variações atuais está em fornecer subsídios aos estudos variacionistas futuros, porque sabemos, de acordo com Labov (1975, p. 829) “que as forças que operam para produzir o documento histórico são as mesmas que podem ser vistas em ação hoje.”

Assim, esperamos que o nosso trabalho possa servir como uma contribuição para futuras pesquisas intra- e inter-lingüísticas, tomando como ponto de partida, além da sociolingüística Laboviana (1972), a Sociolingüística Paramétrica de Tarallo e Kato (1989). Pode-se investigar, por exemplo, a relação emprego de tópico x grau de escolaridade e, ampliando o *corpus* da pesquisa, averiguar a ocorrência do fenômeno na modalidade escrita da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, D. *et alii*. "Topicalização e Deslocamento à Esquerda: Sintaxe e Prosódia". In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Falado**. Volume VIII: As Abordagens. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993b.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 20ª edição. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

COELHO, F. A. "Os dialectos românicos ou neo-latinos na África", 1880. In: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Reproduzido em **Estudos Lingüísticos Crioulos**, Lisboa, pp. 129-196, 1967.

COMRIE, B. (1981). Language Universals and Linguistic Typology. Chicago: University of Chicago Press, apud TARALLO, F. ; M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

CORVALÁN, C. Silva (1982). Subject expression and placement in Mexica American Spanish. J. Amastae e L. Elias-Olivares (Org.). Spanish the United States. Sociolinguistic Aspects. Cambridge: Cambrid University Press, apud TARALLO, F. ; KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. "Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal". In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUARTE, Inês. "A topicalização em português europeu: uma análise comparativa". In: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (Org.). Congresso Internacional sobre o Português, Actas. Lisboa: Colibri, 1996, apud VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. UFRJ, 1999. 139p., mimeo.

DUARTE, M.E.L. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil". In: ROBERTS, I. ; Kato, M. A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_"A Evolução na Representação do Sujeito Pronominal em Dois Tempos". In: PAIVA, Maria Conceição de. ; DUARTE, Maria Eugênia Lemoglia (Org.). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

DUBUISSON, C. (1981). " L'inversion du SN sujet et la post- position SN lourd en français". D. Sankoff e H. Cedergren (Org.). Variati Omnibus Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc. apud TARALLO, F. ; KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

ELISEU, A. M. G. S. (1984). Verbos Ergativos do Português: Descrição Análise. Trabalho de síntese para a Prova de Aptidão Pedagógica – Capacidade Científica, Faculdade de Letras, Lisboa, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

GALVES, Charlotte. (1986). A sintaxe do português brasileiro. Trabalho apresentado no Simpósio sobre Diversidade Lingüística no Brasil, UFBA, apud TARALLO, F. ; KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

GUY, G. "Linguistic Variation in Brazilian Portuguese. Aspects of the phonology, syntax and language history". Universidade da Pensilvânia, tese de doutoramento, 1981 a. In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo** / Roberts, Ian, Mary A. Kato (Org.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_"Parallel variability in American dialects of Spanish and Portuguese." D. Dankoff and H. Cedergren (Eds.). "Variation Omnis". Edmonton, Linguistic Research Inc, 1981 b. In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo** / Roberts, Ian, Mary A. Kato (Org.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

KATO, M. A. (1981). "Sujeito opcional nas regras de base do português e suas conseqüências na estrutura superficial". Anais do V Encontro Nacional de Lingüística, PUCRJ, Rio de Janeiro, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

\_\_\_\_\_ “O estatuto sintático e semântico da noção de tópico no português do Brasil”. Campinas, Unicamp, 1989 (mimeo), apud CALLOU, D. et alii. *Topicalização e Deslocamento à Esquerda: Sintaxe e Prosódia*. CASTILHO, a.t. (Org.) **Gramática do Português Falado, v. III: As Abordagens**. Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1993.

KATO, M. ; TARALLO, F. (1986). “Anything you can do in Brazilian Portuguese”. O. Jaeggli e C. Silva-Corvaán (Org.) *Studies in Romance Linguistics*, Dordrecht: Foris, apud TARALLO, F.; KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e interlingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_ On the use of the present to explain the past. In: “Proceedings of the eleventh International Congress of Linguistics”. Bologna – Florence, Società Editrice el Mulino Bologna: Luigi Heilmann, 1975, apud TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Bomlivro, 1990.

\_\_\_\_\_ “Building on empirical foundations”. W. Lehmann & Y. Malkiel (Org.) *Perspectives on historical linguistics*, Amsterdam/Philadelphia, J. B. Publishing Co., 1982, apud DECAT, Maria Beatriz Nascimento. TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_ **Principles of Linguistic Change – social factors**. Blackwell: Oxford, UK Cambridge, USA, 2001.

LEITE, Y.F.; CALLOU, D.; MORAES, J.; KATO, M. A.; ORSINI, M.; RODRIGUES V. e COSTA, E.. “ Tópicos e Adjuntos”. In: CASTILHO, A.T. de & BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado – vol IV: Estudos Descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 341-340, 1996.

LI, C. & Thompson, S. “Subject and Topic: a new typology”. In: Charles Li (ed) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, apud LEITE, Y.F.; CALLOU, D.; MORAES, J.; KATO, M. A.; ORSINI, M.; RODRIGUES V. e COSTA, E. “ Tópicos e Adjuntos”. CASTILHO, A.T. de & BASÍLIO, M. (Org.) **Gramática do Português Falado – vol IV: Estudos Descritivos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 341-340, 1996.

LIRA, S. (1982) "Nominal, Pronominal and Zero Subjects in Brazilian Portuguese". University of Pennsylvania: Tese de Doutorado, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

\_\_\_\_\_ (1986) "Subject postposition". Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 2, 1: 17-36, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, Preedição, 1989.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & Faria; Isabel Hub. "Gramática da Língua Portuguesa". Coimbra: Almedina, 1983, apud VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1999. 139 p., mimeo.

MATTOS, Shirleu Eliany Rocha. **Sujeito Coletivo singular em Português: concordância e referencialidade**, 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília: UNB, 2003.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

PICALLO, M.C. (1984) "The infl node and the null subject parameter". Linguistic Inquiry, 51: 75-101, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra- e inter-Lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

PONTES, E. "Construções de Tópico em Língua Escrita". Ensaio de Lingüística 5:51.73. Belo Horizonte:UFMG, 1981, apud LEITE, Y.F.; CALLOU, D.; MORAES, J.; KATO, M. A.; ORSINI, M.; RODRIGUES V. e COSTA, E.. "Tópicos e Adjuntos". CASTILHO, A.T. de & BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado – Vol. IV: Estudos Descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 341-340, 1996.

\_\_\_\_\_ **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas –SP, Pontes, 1987.

RIZZI, L. (1982) "Issues in Italian Syntax". Dordrecht: Foris, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

ROCHA, M. A. F. **Complementizadores no Português do Brasil: uma abordagem intra- e inter-sistêmica**. Dissertação de Mestrado, Campinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Adjuntos e adjunções nas fronteiras de constituintes no português do Brasil**. Campinas-SP:[s.n.], 2001.

ROSS, J. R. **“Constraints on variables in syntax”**, MIT, Diss. De Doutorado, 1967.

SANKOFF, David. “Variable rules”. In: AMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics** – an international handbook of the science of language and society. Berlim/New York: Water de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, G.; TARALLO, F. (1987). Relativization and anaphora in spoken language. **Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, 3,2, p.197-214.

SALTARELLI, M. (1981) **Post-verbal subjects in Italian**. Papers from the XVII Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: University of Chicago Press.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Bomlivro, 1990.

\_\_\_\_\_. “Sobre a Alegada Origem Crioula do Português Brasileiro: Mudanças sintáticas aleatórias”. In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo** / Roberts, Ian, Mary A. Kato (orgs.). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. “Relativization Strategies in Brazilian Portuguese”. Un. Of Pennsylvania, PH. D. dissertation, 1983. *A Evolução na Representação do Sujeito Pronominal em Dois Tempos*, apud PAIVA, Maria Conceição de.; DUARTE, Maria Eugênia Lemoglia (orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

TARALLO F. E M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

TARALLO, F. Et alii. “Rupturas na Ordem de Adjacência no Português Falado”. LEITE, Y.F.; CALLOU, D.; MORAES, J.; KATO, M. A.; ORSINI, M.; RODRIGUES V. ; COSTA, E. “Tópicos e Adjuntos”. In: CASTILHO, A.T. de & BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do Português Falado – vol IV: Estudos Descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 341-340, 1996.



TARALLO, KATO et alii (1989). "Rupturas na ordem de adjacência canônica do português falado, 1989. In: Castilho, A. T. (Org.). **Gramática do Português Falado, Vol. 1: A Ordem**. Campinas: ed. UNICAMP?FAPESP, p. 31-62, 1990.

TORREGO, E. (1984). "ON inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, 15,1:103-129, apud TARALLO, F. e M. KATO. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra- e inter-lingüística**. Campinas, SP: Preedição, 1989.

VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1999. 139 p., mimeo.

WEINREICH, U., W. LABOV & M. HERZOG –"Empirical foundations for a theory of language change" em W. Lehmann & Y. Malkiel, *Directions for Historical Linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968. DECAT, Maria Beatriz Nascimento. In:TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, PS: Pontes, 1989.

## **ANEXOS**

ANEXO 1: TABELA DOS INFORMANTES DA PESQUISA

INFORMANTE	SIGLA	FAIXA ETÁRIA	CLASSE SOCIAL
01	CAS	20 a 30 anos	classe alta
02	FAM	20 a 30 anos	classe alta
03	GAT	20 a 30 anos	classe alta
04	MRPM	20 a 30 anos	classe alta
05	AABR	20 a 30 anos	classe alta
06	LD	31 a 45 anos	classe alta
07	CAM	31 a 45 anos	classe alta
08	RC	31 a 45 anos	classe alta
09	KA	31 a 45 anos	classe alta
10	MIMR	31 a 45 anos	classe alta
11	EAM	acima de 45 anos	classe alta
12	EPS	acima de 45 anos	classe alta
13	HTC	acima de 45 anos	classe alta
14	JSM	acima de 45 anos	classe alta
15	SMT	acima de 45 anos	classe alta
16	GCCM	20 a 30 anos	classe média
17	LAM	20 a 30 anos	classe média
18	RMS	20 a 30 anos	classe média
19	TRM	20 a 30 anos	classe média
20	FEB	20 a 30 anos	classe média
21	AASS	31 a 45 anos	classe média
22	RRB	31 a 45 anos	classe média
23	KAS	31 a 45 anos	classe média
24	LHFR	31 a 45 anos	classe média
25	NCM	31 a 45 anos	classe média
26	EAS	acima de 45 anos	classe média
27	HHSM	acima de 45 anos	classe média
28	SAG	acima de 45 anos	classe média
29	JBM	acima de 45 anos	classe média
30	WOG	acima de 45 anos	classe média
31	AMO	20 a 30 anos	classe baixa
32	AS	20 a 30 anos	classe baixa
33	LAFA	20 a 30 anos	classe baixa
34	RAP	20 a 30 anos	classe baixa
35	NAS	20 a 30 anos	classe baixa
36	SMS	31 a 45 anos	classe baixa
37	AARS	31 a 45 anos	classe baixa
38	FAS	31 a 45 anos	classe baixa
39	IFR	31 a 45 anos	classe baixa
40	RACS	31 a 45 anos	classe baixa
41	MFM	acima de 45 anos	classe baixa
42	FPB	acima de 45 anos	classe baixa
43	IMG	acima de 45 anos	classe baixa
44	WS	acima de 45 anos	classe baixa
45	BK	acima de 45 anos	classe baixa

## ANEXO 2: CRITÉRIO BRASIL

### CRITÉRIO BRASIL MEDE O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR

O objetivo do Critério Brasil é medir o poder aquisitivo do consumidor. Os critérios para classificação social do País foram estabelecidos pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme), com base nos Levantamentos Socioeconômico de 1993 e 1997.

#### Cinco classes econômicas

A classificação socioeconômica do Brasil foi estratificada em cinco classes, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas.

Classe	Pontos
A1	30-34
A2	25-29
B1	21-24
B2	17-20
C	11-16
D	6-10
E	0-5

#### Como se calcula

O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos.

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginásial incompleto	1
Ginásial completo/Colegial incompleto	2
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

### ANEXO 3: QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ anos  
 Sexo: ( ) feminino ( ) masculino  
 Residência: \_\_\_\_\_  
 Local de  
 Nascimento: \_\_\_\_\_

**Por favor, preencha os quadros abaixo.**

a)

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Videocassete					
Geladeira					
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)					

b)

Grau de instrução do chefe da família	
Analfabeto/Primário incompleto	
Primário completo/Ginasial incompleto	
Ginasial completo/Colegial incompleto	
Colegial completo/Superior incompleto	
Superior completo	

## ANEXO 4: ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome completo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ anos  
Sexo: \_\_\_\_\_ ( ) feminino ( ) masculino  
Residência: \_\_\_\_\_  
Local de Nascimento: \_\_\_\_\_

### QUESTÕES:

- 1) Como você se vê ou se descreve?
- 2) Fale um pouco sobre a sua família.
- 3) O que você acha da situação econômica do nosso país?
- 4) Comente a respeito do nosso presidente.
- 5) Se você fosse o presidente Luís Inácio da Silva, o Lula, o que você faria?
- 6) E sobre os nossos jovens, o que você tem a dizer?
- 7) Você acha que as drogas são um problema para eles? Que conseqüências elas podem trazer para seus usuários?
- 8) O que você faria se fosse o pai ou a mãe de um viciado em drogas?
- 9) A realidade em que vivemos é muito difícil. Se você fosse um super-herói, qual você gostaria de ser? O que você faria para mudar essa realidade?
- 10) Se você fosse vítima de qualquer violência, como roubo, assalto, seqüestro ou outros, o que você faria?

11) Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde você iria? Por quê? O que você faria neste lugar?

12) Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, o que você mudaria na programação da tevê? Por quê?

13) O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo para você?

14) Você mentiria para alguém? Em que situações? Por quê?

15) Se você pudesse mudar alguma coisa no seu passado, o que você faria?

16) JOGO RÁPIDO! Responda: O que você faria se...

- a) ... ganhasse sozinho na loteria?
- b) ... visse uma pessoa passando mal na rua?
- c) ... acreditasse que o mundo acabaria na semana que vem?
- d) ... tivesse um poder semelhante ao do gênio da lâmpada de Aladim?
- e) ... encontrasse um bebê abandonado à sua porta?

17) Você gosta de esportes? Costuma assistir aos jogos da Seleção de futebol? O que você pensa sobre os jogadores? Qual é o atleta brasileiro que você mais admira? Por quê? Você pratica algum tipo de esporte?

18) Você tem boa memória? Como foi sua infância? Você brincava muito? Seus irmãos faziam parte das suas brincadeiras? De que costumavam brincar? Descreva uma das brincadeiras que você sente saudades? Seus filhos



brincavam muito enquanto crianças? Como você percebe o relacionamento deles? Descreva. Seus filhos são crianças que se machucavam muito?

19) O que você pensa sobre os programas de televisão? Se alguém perguntasse a você sobre o que fazem os participantes do BBB, o que você diria? Pelo tempo que as pessoas que participam do BBB ficam na casa, você acha que elas ficam realmente carentes? Por quê?

20) Você conhece alguém que se mudou de nossa cidade, nos últimos anos? Para onde se mudou? Por que se mudou? Você sentiu triste?

21) Por qual motivo as pessoas fazem festas? Você já foi a uma festa de casamento em que tenha dito: “Esta ficará na história!”? Quem se casou? O que aconteceu? Fale sobre um casal que você admira muito?

22) Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como a pessoa reagiu?

23) Fale um pouco sobre sua mãe? E o seu pai? Conte a história de uma pessoa que você conhece e que você a considera como alguém que venceu na vida.

24) O que você pensa sobre o suicídio? Na sua opinião, o que leva uma pessoa a fazer isso? Você sabe de algum caso em que alguém cometeu suicídio? Como foi?

25) O que você pensa sobre a segurança em nossa sociedade? Como você imagina de um presidiário? Como você acha que deveria ser?

26) O que você acha da situação do idoso hoje? Fale um pouco sobre uma pessoa idosa que você conhece e que você a admira muito.

ANEXO 5: TABELAS DE RESULTADOS DA PESQUISA

**TABELA 1**

Distribuição da Presença X Ausência de Construções de Tópico *Lato Sensu*

Variável	Presença		Ausência	
	Nº	%	Nº	%
	229	9	2336	91

**TABELA 2**

Termo co-referente ao tópico *lato sensu* X Tipo de estrutura

Termo co-referente	Categoria vazia		Substituição de expressão equivalente		Pronome cópia/pronome demonstrativo		Repetição da mesma expressão		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOP SV	0	0	5	11,6	28	65,1	10	23,3	43	100
Adj. TOP SV(O)	1	10	4	40	4	40	1	10	10	100
TOP VS	0	0	1	5,6	11	61,1	6	33,3	18	100
TOP SV(O)	26	16,5	10	6,3	115	72,8	7	4,4	158	100

**TABELA 3**

Termo co-referente ao tópicos X Tipos de construção de tópicos

Termo co-referente ao tópicos lato sensu Tipo de CTs lato sensu	Categoria vazia		Substituição de expressão equivalente		Pronome Cópia/pronome demonstrativo		Repetição da mesma expressão		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOP	74	89,2	6	7,2	2	2,4	1	1,2	83	100
DE	10	6,8	9	6,2	117	80,2	10	6,8	146	100
Adj. Sem cabeça	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

**TABELA 4**Termo co-referente ao tópicos *lato sensu* X Classes sociais

Termo co-referente ao tópicos lato sensu Classes sociais	Categoria vazia		Substituição de expressão equivalente		Pronome cópia/pronome demonstrativo		Repetição da mesma expressão		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe baixa	32	33,3	6	6,3	51	53,1	7	7,3	96	100
Classe média	26	38,8	4	6	36	53,7	1	1,5	67	100
Classe alta	26	39,4	5	7,6	32	48,5	3	4,5	66	100

**TABELA 5**Termo co-referente ao tópico *lato sensu* X Faixa etária

Termo co-referente ao tópico <i>lato sensu</i> Faixa etária	Categoria vazia		Substituição de expressão equivalente		Pronome cópia/pronome demonstrativo		Repetição da mesma expressão		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	30	33,3	8	8,9	46	51,1	6	6,7	90	100
31 a 45 anos	28	35,4	4	5,1	44	55,7	3	3,8	79	100
+ de 45 anos	26	43,3	3	5	29	48,3	2	3,4	60	100

**TABELA 6a**Tipo de estrutura X Tipos de CTs *lato sensu* – Leitura Horizontal

Tipo de estrutura Tipos de CTs <i>lato sensu</i>	TOP SV		Adj. TOP SV(O)		TOP VS		TOP SV(O)		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOP	23	33,8	1	1,5	10	14,7	34	50	68	100
DE	24	15,5	9	5,8	2	1,3	120	77,4	155	100
Adj. Sem cabeça	2	33,3	0	0	2	33,4	2	33,3	6	100

**TABELA 6b**Tipo de estrutura X Tipos de CTs *lato sensu* – Leitura Vertical

Tipo de estrutura Tipos de CTs <i>lato sensu</i>	TOP SV		Adj. TOP SV(O)		TOP VS		TOP SV(O)	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOP	23	46,9	1	10	10	71,4	34	21,8
DE	24	49	9	90	2	14,3	120	76,9
Adj. Sem cabeça	2	4,1	0	0	2	14,3	2	1,3
Total	49	100	10	100	14	100	156	100

**TABELA 7a**

Tipo de estrutura X Classe social – Leitura Horizontal

Tipo de estrutura Classe social	+ TOP/ + suj. lexicalizado		+ TOP/ - suj. lexicalizado		- TOP/ + suj. lexicalizado		- TOP/ - suj. lexicalizado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe baixa	96	11,1	0	0	610	70,5	18,4	20,8	865	100
Classe média	67	7,7	0	0	638	73,3	19	20,5	870	100
Classe alta	66	8	0	0	627	75,5	16,5	17,9	830	100

**TABELA 7b**

Tipo de estrutura X Classe social – Leitura Vertical

Tipo de estrutura \ Classe social	+ TOP/ + suj. lexicalizado		+ TOP/ - suj. lexicalizado		- TOP/ + suj. lexicalizado		- TOP/ - suj. lexicalizado	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe baixa	96	41,9	0	0	610	32,5	159	34,5
Classe média	67	29,2	0	0	638	34,0	165	35,8
Classe alta	66	28,9	0	0	627	33,5	137	29,7
Total	229	100	0	0	1875	100	461	100

**TABELA 8a**

Tipo de estrutura X Faixa etária – Leitura Horizontal

Tipo de estrutura \ Faixa etária	+ TOP/ + suj. lexicalizado		+ TOP/ - suj. lexicalizado		- TOP/ + suj. lexicalizado		- TOP/ - suj. lexicalizado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	90	9,8	0	0	706	76,7	124	13,5	920	100
31 a 45 anos	79	9,7	0	0	555	68,3	179	22	813	100
+ de 45 anos	60	7,2	0	0	614	73,8	158	19	832	100

**TABELA 8b**

Tipo de estrutura X Faixa etária – Leitura Vertical

Tipo de estrutura Faixa etária	+ TOP/ + suj. lexicalizado		+ TOP/ - suj. lexicalizado		- TOP/ + suj. lexicalizado		- TOP/ - suj. lexicalizado	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	90	39,3	0	0	706	37,7	124	26,9
31 a 45 anos	79	34,5	0	0	555	29,6	179	38,8
+ de 45 anos	60	26,2	0	0	614	32,7	158	34,3
Total	229	100	0	0	1875	100	461	100

**TABELA 9a**

Tipos de CTs lato sensu X Classes sociais – Leitura Horizontal

Tipos de CTs lato sensu Classes sociais	TOP		DE		Adj. cabeça sem		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe baixa	30	31,3	65	67,7	1	1	96	100
Classe média	23	34,3	39	58,2	5	7,5	67	100
Classe alta	25	37,9	41	62,1	0	0	66	100



**TABELA 9b**Tipos de CTs *lato sensu* X Classes sociais – Leitura Vertical

Tipos de CTs <i>lato sensu</i> Classes sociais	TOP		DE		Adj. sem cabeça	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe baixa	30	38,5	65	44,8	1	16,7
Classe média	23	29,5	39	26,9	5	83,3
Classe alta	25	32	41	28,3	0	0
Total	78	100	145	100	6	100

**TABELA 10a**Tipos de CTs *lato sensu* X Faixa etária – Leitura Horizontal

Tipos de CTs <i>lato sensu</i> Classes sociais	TOP		DE		Adj. sem cabeça		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	27	30	58	64,4	5	5,6	90	100
31 a 45 anos	26	32,9	52	65,8	1	1,3	79	100
+ de 45 anos	25	41,7	35	58,3	0	0	60	100

**TABELA 10b**Tipos de CTs *lato sensu* X Faixa etária – Leitura Vertical

Tipos de CTs <i>lato sensu</i> Classes sociais	TOP		DE		Adj. sem cabeça	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	27	34,6	58	40,0	5	83,3
31 a 45 anos	26	33,3	52	35,9	1	16,7
+ de 45 anos	25	32,1	35	24,1	0	0
Total	78	100	145	100	6	100